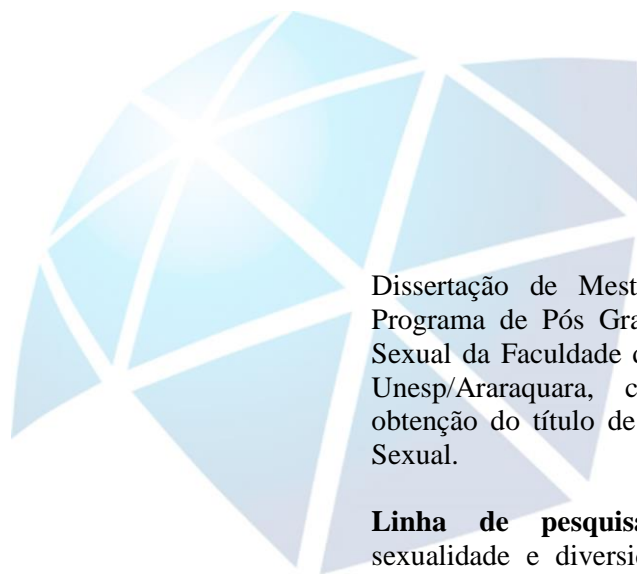


CLESIOMAR ANTÔNIO DOS SANTOS INÁCIO

**CONCEPÇÕES SOBRE SEXUALIDADE DE PROFESSORES E  
FUNCIONÁRIOS QUE ATUAM EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE  
EDUCAÇÃO BÁSICA**



Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

**Orientador:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fátima Elisabeth Denari

ARARAQUARA – S.P.  
2018

CLESIOMAR ANTÔNIO DOS SANTOS INÁCIO

CONCEPÇÕES SOBRE SEXUALIDADE DE PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS  
QUE ATUAM EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Departamento, Programa de Pós em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

**Orientador:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fátima Elisabeth Denari

Inácio, Clesiomar Antonio dos Santos  
Concepções sobre sexualidade de professores e  
funcionários que atuam em uma escola municipal de  
Educação Básica / Clesiomar Antonio dos Santos Inácio  
- 2018  
76 f.

- Universidade Estadual Paulista "Júlio de  
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras  
(Campus Araraquara)  
Orientador: Fátima Elisabeth Denari

1. Educação Sexual. 2. Sexualidade. 3. Educação  
Básica. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Clesiomar Antônio dos Santos Inácio

**CONCEPÇÕES SOBRE SEXUALIDADE DE PROFESSORES E  
FUNCIONÁRIOS QUE ATUAM EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE  
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Departamento, Programa de Pós em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

**Orientador:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fátima Elisabeth Denari

Data da defesa: 08/02/2018

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA**

---

**Presidente e Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Elisabeth Denari  
Universidade Federal de São Carlos/ UFSCar/ São Carlos

---

**Membro Titular:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luci Regina Muzzetti  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”

---

**Membro Titular:** Prof. Dr. Everton Luis de Oliveira  
Centro Universitário de Bebedouro/ UNIFAFIBE/ Bebedouro

**Local:** Universidade estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP- Campus de Araraquara

*A meu amado Jesus, meu salvador, por seu amor  
incondicional sem reservas, razão do meu ser e viv*

*A minha amada esposa Juliana Costa e a minha filha  
Elisa Costa que me completam enquanto família.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus por me abençoar e me dar forças nos momentos mais difíceis em todas as vezes que precisei e recorri a Ele.

A minha esposa Juliana pelo incentivo, carinho e por estar ao meu lado em todos os momentos, por todas as vezes que ela precisou cuidar da nossa filha sozinha para que eu pudesse me dedicar à redação da dissertação. Te amo “*jujuba*”.

A minha filha Elisa que veio em um momento especial para alegrar mais ainda a minha vida e peço desculpas por alguns momentos não estar com ela em meus braços, e terá o momento em que ela compreenderá a importância do mestrado em minha vida.

A minha família, em especial meu pai Clesiomar (in memoriam) e meu irmão Fabrício (in memoriam) infelizmente faleceram no momento em que eu estava no processo de seleção a uma vaga; portanto não puderam alegrar-se comigo quando, enfim, depois de cinco tentativas eu ter conseguido entrar para cursar o mestrado, vocês venceram comigo.

Aos meus amigos Júnior, Hilton, Francisco e Paulinho que sempre me apoiaram compreendendo as muitas vezes que eu não pude estar com eles, ficando ausente de vários momentos de confraternização.

A UNESP pela oportunidade do conhecimento e por proporcionar uma estrutura maravilhosa para que eu pudesse ampliar o conhecimento em uma área fascinante e muito importante.

A minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Elisabeth Denari pelos riquíssimos ensinamentos, pela simplicidade e humildade em me orientar, pela paciência que teve comigo e me receber várias vezes em sua residência nos fins de semana, sempre com um sorriso no rosto e disposta a auxiliar. Aprendi e apreendi muito, vou levar para

sempre os ensinamentos e passar para outras pessoas as valiosas orientações, muito obrigado que Deus possa lhe abençoar ricamente em nome de Jesus.

A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Piedade Resende da Costa pela disposição em participar da qualificação, contribuindo com sugestões valiosas que foram de grande proveito.

A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luci Regina Muzzetti, pela disposição em participar da qualificação e defesa, contribuindo com apontamentos valiosos para o aprimoramento da pesquisa.

Ao Prof. Dr. Everton Luis de Oliveira por se dispor a fazer parte da defesa e contribuir em um curto espaço de tempo.

A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andreza Marques de Castro Leão pela simplicidade e carinho que me recebeu quando fui entrevistado, confesso que eu estava muito nervoso, ela com toda tranquilidade e humildade me acalmou. Quero agradecer pelas aulas ministradas em que pude ampliar o conhecimento em sexualidade.

Ao Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro pela coragem e luta e por enxergar a necessidade de ter um curso específico na área de sexualidade, dado a urgência de se discutir o assunto, um curso extremamente valioso, rico em conhecimento com professores experientes e com conhecimento de causa.

A todos os professores da Pós Graduação em Educação Sexual, pela qualidade das aulas, comprometimento e carisma.

A todos os amigos e amigas que fiz durante o curso, rimos, alegamos, nos angustiámos, percebi em todos, a disposição no ajudar um ao outro.

Aos funcionários da Pós-graduação pelo excelente trabalho, auxílio e nas orientações nos momentos em que precisei.

A secretária da educação de Monte Alto Sueli Amantéa por permitir a realização da pesquisa.

A todos os professores e funcionários da unidade escolar que participaram da entrevista para que essa pesquisa fosse realizada, muito obrigado pela disposição em querer ajudar, que Deus retribua em dobro.

Aos professores da graduação que sempre me incentivaram a continuar os estudos, assim entrar no mundo acadêmico.

Em fim a todos e todas as pessoas que direta e indiretamente contribuiu de alguma forma para essa grande realização profissional e pessoal. Meus sinceros agradecimentos!



*Ora, aquele que é poderoso para  
fazer infinitamente mais do que  
tudo quanto pedimos ou pensamos,  
conforme o seu poder que opera em  
nós.*

Ef. 3:20

## **Resumo**

Considerando que a escola de Educação Básica recebe uma diversidade cultural e é um dos principais agentes de formação e constituição do homem, esse espaço passa a ser um cenário fascinante para compreender como a sexualidade vem influenciando na cultura e no comportamento das crianças com idade escolar. Assim surge o interesse em estudar a sexualidade humana bem como a temática da pesquisa; pesquisar o ambiente escolar, investigar as concepções de professores e funcionários sobre sexualidade e a manifestação desta, para alunos e alunas. A presente pesquisa norteou-se a partir da abordagem de investigação qualitativa que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Participaram dessa pesquisa nove funcionárias e 13 professores (as) que trabalham em uma escola de educação básica. Para a realização da pesquisa foi utilizado um questionário estruturado. Após a coleta de dados, o questionário foi submetido a análise exploratória, as perguntas foram analisadas e agrupadas por categorias temáticas. Os dados indicam que ainda permanecem arraigados conceitos tradicionalmente passados com base em desconhecimento, preconceitos, medo, insegurança, não obstante a mídia exercer um chamamento intenso sobre aspectos da manifestação da sexualidade os dados indicam, ainda, que muito ainda precisa ser feito para que, de fato, a educação sexual seja implantada nessa instituição. Para que exista um trabalho relevante de educação sexual nessa instituição é importante que ocorra um processo de intervenção sistematizada, ampliando também para as famílias dos alunos atendidos e só depois o trabalho de fato com os estudantes da instituição. A educação sexual é um tema muito mais abrangente do que eles mostram conhecer; é possível realizar um trabalho institucional sobre sexualidade e que os resultados podem ir muito além de diminuição do índice de doenças e gravidez precoce. É um trabalho que pode ter início desde a educação infantil.

**Palavras-chave:** Educação Sexual. Sexualidade. Educação Básica.

## **Abstract**

Considering that the school of Basic Education receives a cultural diversity and is one of the main agents of formation and constitution of the man, this space becomes a fascinating scenario to understand how sexuality has been influencing in the culture and the behavior of the children to school age. Thus arises the interest in studying human sexuality as well as the research theme; research the school environment, investigate the conceptions of teachers and employees about sexuality and the manifestation of this, for students. The present research was guided by a qualitative research approach that emphasizes description, induction, grounded theory and the study of personal perceptions. Nine female employees and 13 teachers working in a basic education school participated in this research. A structured questionnaire was used to conduct the research. After the data collection, the questionnaire was submitted to an exploratory analysis, the questions were analyzed and grouped by thematic categories. The data indicate that concepts traditionally based on ignorance, prejudice, fear and insecurity remain ingrained, despite the fact that the media exert an intense call on aspects of the manifestation of sexuality, the data also indicate that much still needs to be done so that, in fact, sex education is implanted in this institution. In order for there to be a relevant work of sexual education in this institution, it is important that a process of systematized intervention takes place, also extending to the families of the students attended and only then the actual work with the students of the institution. Sex education is a much broader subject than they show knowing; it is possible to carry out an institutional work on sexuality and that the results can go far beyond reducing the rate of illness and early pregnancy. It is a work that can start from the infantile education.

**Key words:** Sexual Education. Sexuality. Basic Education.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Caracterização dos participantes.....	41
<b>Quadro 2:</b> Caracterização dos funcionários.....	42
<b>Quadro 3:</b> Categorias temáticas e Roteiro de questões.....	44
<b>Quadro 4-</b> Categoria 1- Entendimento sobre sexualidade.....	48
<b>Quadro 5-</b> Categoria 2 - Conhecimento sobre sexualidade.....	50
<b>Quadro 6-</b> Categoria 3 - Atitudes perante a sexualidade.....	55
<b>Quadro 7-</b> Categoria 4 - Perspectiva da escola frente à manifestação da sexualidade dos alunos.....	58

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>DST</b>	Doença Sexualmente Transmissível
<b>HIV/ AIDS</b>	Human Immunodeficiency Virus/Acquired Immune Deficiency Syndrome
<b>HTPC</b>	Hora de Trabalho de Produção Coletiva
<b>PCN</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>2. INTRODUÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>3. A EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: SEXO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL</b>	<b>23</b>
<b>4. A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS BRASILEIRAS: A ESCOLA E A SEXUALIDADE</b>	<b>30</b>
<b>5. MÉTODO</b>	<b>39</b>
<b>5.1 Local</b>	<b>40</b>
<b>5.2 Participantes</b>	<b>40</b>
<b>5.3 Procedimentos para coleta de dados</b>	<b>42</b>
<b>5.3.1 Instrumentos para coletas de dados</b>	<b>43</b>
<b>5.3.2 procedimentos para coleta de dados</b>	<b>45</b>
<b>6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>47</b>
<b>6.1 Bloco 1: Entendimento sobre sexualidade</b>	<b>47</b>
<b>6.2 Bloco 2: Conhecimento sobre sexualidade</b>	<b>50</b>
<b>6.3 Bloco 3: Atitudes perante a sexualidade dos alunos</b>	<b>55</b>
<b>6.4 Bloco 4: Perspectiva da escola frente à manifestação da sexualidade dos seus alunos</b>	<b>58</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>66</b>
<b>8. REFERÊNCIAS</b>	<b>69</b>
<b>9. APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO</b>	<b>75</b>
<b>10. APÊNDICE B- CARTA DE ESCLARECIMENTO DA PESQUISA</b>	<b>76</b>
<b>11. APÊNDICE C- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	<b>77</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Temas referentes à sexualidade sempre estiveram em meu cotidiano. Cresci em uma família tradicional em que falar sobre sexo era quase proibido; na escola minhas dúvidas e anseios não foram sanados; percebia no silêncio dos (as) professores (as) que nas muitas vezes que acontecia algo referente à manifestação da sexualidade dos alunos na classe, estas/es não sabiam como lidar ou simplesmente ignoravam e mudavam de assunto tentando contornar. Isto favorecia o aumento das dúvidas a cada dia.

Nas aulas de Ciências e nas palestras que ouvíamos, nos era apresentada uma sexualidade aterrorizante nas quais as imagens expunham os perigos de vivenciá-la sem os devidos cuidados preventivos. Era uma visão tão somente biologizante.

Com o passar do tempo realizei o sonho em me tornar jogador de futebol, jogando em vários clubes no Brasil por 13 anos quando pude perceber que o ambiente do futebol é extremamente machista: futebol é para homem e não para mocinhas, homem não chora, sem contar com palavras pejorativas relacionadas à identidade sexual; paradoxalmente, temos uma mulher que foi eleita cinco vezes a melhor jogadora de futebol do mundo. Viva Marta!

Assim que encerrei minha carreira entrei em um curso de Pedagogia, curso esse em que a grande maioria do alunado era composto (e ainda é) por mulheres. Começa o conflito: saio de um mundo dominado por homens e entro em uma área que em sua maioria são mulheres.

Nas aulas pude vivenciar experiências que me levavam a uma reflexão sobre a mulher na sociedade, sobre suas lutas em ser reconhecida com os mesmos direitos que

os homens e como questões relacionadas à sexualidade podem e devem ser tratadas no espaço escolar.

Assim que formei, logo comecei a trabalhar, percebi que no espaço escolar diariamente ocorrem cenas e momentos relativos à expressão da sexualidade dos alunos, nas quais a censura, o medo, o desconhecimento são perpetuados; o despreparo de muitas pessoas ao tratar do assunto sem que deixassem marcas negativas nas crianças, ora reprimindo, ora negando a informação e, em muitos casos, reforçando tabus, ainda persistem.

Portanto, questões passaram a permear minha cabeça: como trabalhar a sexualidade na escola? Como educar as crianças para a sexualidade de maneira que cresçam autônomas, críticas e que por meio do diálogo consigam quebrar tabus, estigmas, e vivenciar uma sexualidade livre de preconceitos? Como foi a educação para a sexualidade das pessoas que trabalham nesse espaço escolar? O que eles sabem e entendem e agem sobre as mais variadas manifestações de sexualidade dos alunos nesse espaço escolar? Assim surge o interesse em pesquisar a sexualidade humana bem como a temática da minha pesquisa, qual seja; pesquisar o ambiente escolar, investigando a concepção de professores e demais funcionários sobre a sexualidade e a manifestação desta, para alunos e alunas.



## 2 INTRODUÇÃO

A sexualidade advém da dimensão simbólica dos seres humanos, abordada por diferentes aspectos biológicos, psicológicos e culturais relacionados com a conduta sexual. Envolve além dos órgãos genitais, todas as zonas erógenas do corpo, assim como vontades, desejos e fantasias associadas ao sexo. Trata-se de uma expressão afetiva, comprometida nas esferas sociológicas, éticas, religiosas e fisiológicas (Ferreira, 2006).

Historicamente, a sexualidade passou por diferentes configurações. O sexo suposto como algo apenas biológico e natural sofreu alterações quanto ao seu sentido, à sua função e à sua regulação ao se deslocar do plano da natureza para o da sociedade, da cultura e da história (Chauí, 1985).

O século XVII é considerado pelos historiadores o momento inicial da repressão sexual. Para Chauí (1985) esse período apresenta a ideia de repressão como um processo de mutilação, desvalorização e controle da sexualidade, vista como pecaminosa, imoral e viciosa.

Foucault (1988), em relação a esse mesmo período acredita que houve contínuas transformações nos três últimos séculos, não que ignore a censura da época, mas observa uma verdadeira explosão discursiva em torno do sexo.

Louro (2010) explica que a sexualidade era um assunto privado, devendo ser tratada apenas com alguém muito íntimo e de maneira singular, sendo sexo um assunto particular e pessoal, parecendo não ter uma dimensão social. A autora considera que todas as transformações afetam as formas de viver e a construção de identidade de gênero. Portanto, é necessário compreender que a sexualidade, não é apenas uma

questão pessoal, mas é social e política, e é construída ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todas as pessoas.

É nesse processo que a escola tem uma tarefa bastante difícil e importante.

Louro (2010) considera que é necessário incentivar a sexualidade naturalmente e, de outro lado, contê-la. Ela nos indaga se é preciso manter a “inocência” das crianças e dos adolescentes, ainda que isso implique o silenciamento e a negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias, as práticas sexuais.

Maio (2012) diz que a escola tem por função social a transmissão da aprendizagem formal, científica e organizada historicamente, mas ainda apresenta inúmeras dificuldades em trabalhar a temática da sexualidade, em todos os aspectos. É um espaço reservado e privilegiado para apresentação de saberes universais e também locus de particularidade e parcialidade de manifestações culturais de grupos específicos.

na escola ocorrem cotidianamente e em todos os níveis educativos, cenas, eventos, palavras, gestos etc. referentes à sexualidade, é incontestável. Observamos que a comunidade educativa, como pais/mães, professores/as, direção, equipe pedagógica, administrativa e funcionários/as provocam, voluntária ou involuntariamente, marcas nos corpos dos/as alunos/as, principalmente em cenas relativas à expressão sexual (MAIO, 2012, p. 212).

Por ser um assunto relativamente novo, tradicionalmente vinculado apenas aos aspectos biológico-reprodutivos, e carregada de preconceitos, percebe-se a necessidade de pesquisar junto à comunidade educativa a temática Educação Sexual, se esta se sente preparada ou não, para trabalhar com os alunos sobre essa temática, ao invés de assuntos que se restrinjam apenas ao sexo e à reprodução.

A educação sexual, embora de forma desassociada e fragmentada, está presente nas diversas esferas, família, igreja, escola, trabalho, mídia. Nesse sentido, o sistema

educacional passa a assumir a tarefa de reunir e sistematizar essa dimensão da formação humana.

Figueiró (2009) declara que para trabalhar a Educação Sexual é necessário ter clareza sobre o significado do sexo e da sexualidade. O primeiro está relacionado diretamente ao ato sexual e à satisfação da necessidade biológica de obter prazer sexual, necessidade essa que todo ser humano traz consigo desde que nasce. Sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo do bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade.

Em acordo com Altmann (2001), a sexualidade é uma via de acesso tanto a aspectos privados, quanto públicos. Ela suscita mecanismos heterogêneos de controle que se complementam, instituindo a pessoa e a população como objetos de poder e saber, portanto, a sexualidade funciona transcendendo as disciplinas curriculares, formando indivíduos em seu caráter social, religioso, médico e pedagógico.

Altmann (2001), afirma que quando se coloca o sexo em discurso, parece haver um complexo aumento do controle sobre as pessoas, o qual se exerce não tanto por meio de proibições e punições, quanto por meio de mecanismos, metodologias e práticas que visam a produzir sujeitos autodisciplinados no que se refere à maneira de viver sua sexualidade. De formas diversas, meninos e meninas também exercem formas de controle uns sobre os outros, bem como escapam e resistem a este poder. O dispositivo da sexualidade perpassa espaços escolares, instaura regras e normas, estabelece mudanças no modo pelo qual os indivíduos dão sentidos e valor à sua conduta, desejos, prazeres, sentimentos e sonhos.

A mídia, hoje, é responsável por um grande volume de trocas simbólicas e materiais, abre-se na educação um novo conjunto de problemas, em que exige medidas

urgentes das políticas públicas educacionais e uma reflexão profunda das relações entre educação e cultura (FISCHER, 1999).

O sexo com o passar dos anos, foi deixando de ser reprimido pela sociedade, foi ganhando espaço, liberdade de expressão, no falar, no ouvir, no escrever e principalmente no agir e no mostrar e que essa sociedade não se preparou para tais mudanças. Podemos dizer que a sociedade foi adaptando-se a tais mudanças, mas não se aperfeiçoando. Entende-se que elas aconteceram pelo fato de os mecanismos de repressão – igreja e família, por exemplo – se diluíram.

A sociedade está em processo de mudança, as pessoas falam sobre sexo cada vez mais cedo. Mas isso não significa que a repressão tenha acabado. Falar sobre sexo não representa o fim da repressão, que se dá de diferentes formas. Assim, conclui-se que a repressão não pode ser deixada de lado, pois, de certa forma, ela ainda faz parte da sociedade atual. Os estudos de Foucault (2009) nos mostram como a história da sexualidade é extensa, desgastante e merece estudo qualificado.

Considerando que a escola de Educação Básica recebe uma diversidade cultural e é um dos principais agentes de formação e constituição do homem, este passa a ser um cenário fascinante para compreender como a sexualidade vem influenciando na cultura e no comportamento das crianças com idade escolar.

O tema sexualidade passou por diferentes configurações no decorrer dos anos mantendo forte influência no comportamento humano, na construção da identidade, nos valores, na cultura e na educação de uma sociedade. A partir dessa perspectiva torna-se fundamental uma pesquisa sobre as percepções e perspectivas dos professores e demais funcionários sobre a temática Educação Sexual para compreender e analisar como esse tema está sendo trabalhado e construído na sociedade em especial no ambiente escolar.

É importante dizer a comunidade escolar e toda sociedade que a educação sexual não se limita apenas a questões biológicas, relativas à gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, reprodução, fecundação, conhecimento do corpo humano, órgãos genitais, menstruação, ejaculação, mas vai, além disso. Esse entendimento é necessário, para que a criança possa construir a sua identidade, sendo homem ou mulher, a escola é o espaço para tornarem-se reais as dúvidas do dia-a-dia.

Diante das várias manifestações de comportamentos relacionadas à sexualidade de alunos/as na escola percebe-se que ainda o silêncio impera nesse espaço, professores/as e funcionárias ignoram os fatos que ocorrem e quando falam percebe-se o despreparo, talvez por terem vivenciado uma educação sexual reprimida, acredita-se que a dificuldade em trabalhar essa temática na escola ou fora dela tem origem na educação familiar e/ou escolar desde a infância e, também, na formação acadêmica inicial em que há pouca discussão sobre essa temática.

Assim surge o interesse em pesquisar a sexualidade humana bem como a temática da pesquisa, qual seja; investigar a concepção da equipe escolar de uma escola de educação infantil e fundamental 1 sobre sexualidade, educação sexual e comportamentos dos alunos perante suas sexualidades. Objetivando pesquisar o que pensam, entendem sobre, e de que forma agem frente à manifestação da sexualidade de seus alunos. Analisar o entendimento e atitudes de professores e funcionários da educação básica e verificar as ações e perspectivas da escola frente à manifestação da sexualidade dos seus alunos.

O desenvolvimento dessa pesquisa será apresentado na seguinte ordem:

3. A educação sexual no Brasil: sexo, sexualidade e educação sexual;

4. A educação sexual nas escolas brasileiras – a escola e a sexualidade;
5. Método;
6. Apresentação e discussão dos resultados.

### **3. A educação sexual no Brasil:** sexo, sexualidade e educação sexual.

Os constructos que permeiam o conceito de sexualidade estão diretamente ligados aos costumes, valores, ideologias, estruturas históricas- sociais que o sujeito vivenciou e aprendeu em determinada época, juntamente com suas características biológicas, sua história de vida, suas angústias, seus medos e desejos.

Nessa perspectiva, a ideia, o conceito e as diferentes maneiras de lidar e falar sobre sexualidade vai se moldando dentro dos parâmetros adotados em determinado momento histórico e em determinada sociedade.

No princípio da civilização as atividades sexuais eram livres entre homens e mulheres e isentas de qualquer julgamento moral. A descendência era sempre de linhagem materna, já que só se tinha certeza de quem era mãe, as famílias organizavam os clãs. Com o acúmulo de bens no clã, iniciou-se uma nova forma de organização social para evitar as perdas desses bens, surgiram então, as primeiras propriedades privadas e em consequência os relacionamentos sexuais passaram a se restringir ao casal, assim os filhos legítimos herdavam os bens desses clãs. Logo os casamentos passaram a ser monogâmicos, dentro de um sistema patriarcal, com linhagem sanguínea paterna. Com essa nova organização, o sexo configurou-se como ato restrito à reprodução, as mulheres submissas e fiéis sexualmente aos seus maridos (Engels, 1982).

Em uma análise sobre sexualidade Nunes (2003) compreendeu que três sociedades patriarcais da Idade Antiga refletiram fortemente na nossa cultura ocidental, os hebreus, os romanos e os gregos. Os hebreus influenciaram na vida religiosa ocidental tendo a Bíblia como símbolo de uma tradição religiosa e moral com grande referência ao direito patriarcal do homem e a importância da castidade de homens e mulheres até o casamento.

Os romanos trouxeram o modelo de família institucional, o casamento já instituído com a finalidade de continuação da família. O pai denominado “pater família” responsável por todas as atividades do lar, com toda a autonomia sobre a esposa e filhos, os quais lhes eram submissos. Após várias transformações do Direito romano diminuiu-se também o poder do “pater” sobre a família, criou-se a ideia de uma concepção cristã da família, assim os romanos passaram a considerar as várias formas de afetividades necessárias à vida (Bertoldi, Koehler, Silva, da Silva, Sartoreli, Panatta & Luciano, 2015).

O casamento na Grécia, percebido como um rito de passagem dos noivos da juventude para a fase adulta, as mulheres eram educadas para as atividades domésticas, por serem cidadãs gozavam de alguns privilégios: participar de cerimônias privadas (casamentos e rituais fúnebres), e cerimônias públicas (festivais religiosos). Peters & Cerqueira, (2013).

A homossexualidade era comum na Grécia e, não percebida como um problema de ordem moral como, porém muitas inquietações eram suscitadas na sociedade grega referentes a relação sexual entre um adulto e um jovem, assim foram estabelecidas algumas regras para o ato: permissão da bissexualidade, amor entre rapazes como uma prática livre apoiada em leis e com suportes de instituições pedagógicas e militares, definição dos papéis do erasta (ativo) e do enômeno (passivo) (Nogueira Matias, Terra, Silva & Rocha, 2016).

Com o apogeu do Cristianismo, na Idade Média toda e qualquer obra que mencionasse a sexualidade vinha atrelada a ideia de pecado e condenação, portanto, esse período relacionou o sexo e a sexualidade a algo imundo, sujo e ameaçador ao corpo e a alma dos cristãos, absolvidos apenas os que eram casados que praticavam a atividade sexual única e exclusivamente para a reprodução.



Contudo, Nunes (1987) afirma que na Idade Média, ainda não se tinha um controle total da sexualidade, pois a linguagem da sexualidade era rica e marcante, em músicas, piadas e expressões. Ocorria o sexo com animais, o sexo entre clérigos, dentre outras práticas que embora proibidas ainda estivessem sendo realizadas. Somente com o enquadramento ideológico junto aos mecanismos reais de repressão com punições severas como terem as partes sexuais queimadas ou serem condenados à forca pode-se dizer que houve um controle maior da sexualidade.

Houve algumas mudanças nessa configuração repressora a partir da Idade Moderna, principalmente com o advento do Iluminismo, em que a ciência, a arte e a literatura passam a ser mais valorizados ocasionando certa ruptura aos fundamentos teológicos. A ciência passa a ter um peso de verdade e de libertação do pensamento supersticioso da Idade Média e a ser a mola propulsora para a civilização. No entanto, a sociedade moderna burguesa mostrou-se bastante convergente à ideia de regular a sexualidade, a regra era inibir o prazer sexual para ter energia no trabalho (Gagliotto, 2009).

Parker (1991) aponta que essa organização familiar e social patriarcal, deu origem a uma construção ideológica, conceituando os papéis sociais de homem e mulher como oposição, em que o homem deveria ser forte, superior, ativo e viril, enquanto a mulher como ser inferior deveria ser fraca, dócil, bela, desejada e sujeita a submissão masculina. Reforçando assim, a ordem aparentemente natural da hierarquia de gênero.

No Brasil nota-se a influência do modelo de família patriarcal, em que só se admitia o desejo e o prazer sexual do homem fora do casamento com prostitutas ou mulheres pobres (brancas, negras, índias e mestiças). Suas esposas tinham posição de destaque na sociedade, porém sua sexualidade era apenas para fins de reprodução.

O “movimento beat”<sup>1</sup>, na Europa nos anos 50, com reflexos no Brasil e o “movimento Hippie”, nos anos 60 acarretaram revoluções nos muitos mitos políticos, culturais, sociais e sexuais. Começou-se a discutir novos conceitos como o direito ao prazer sem restrição, liberação sexual da mulher através da pílula anticoncepcional, produção de revistas pornográficas, novos hábitos, etc. (Sales, 1988).

Com o fenômeno da globalização no final do século XX e início do século XXI todas as esferas das relações sociais, incluindo a sexualidade ganhou espaço e constituiu-se num dos fetiches da sociedade de consumo. A sexualidade tornou-se então, objeto de consumo e está presente na mídia, na indústria do entretenimento, na mercantilização do corpo, na propaganda, na estética contemporânea, em que se vende um ideal de corpo e beleza (Leão, 2009).

Esse período foi marcado pela intensificação e florescimento do discurso sobre a sexualidade no Brasil, posteriormente diante de influências de posições conservadoras da Europa católica, temas relacionadas a sexualidade bem como suas manifestações foram freadas.

Segundo Russo et al. (2011), o espaço entre as produções literárias da década de 30, frente as diversas tentativas de implementar a educação sexual não foi apenas temporal, a educação sexual nessa época caracterizou-se por ser higienista e dirigida, em especial em orientar as famílias para as questões relacionadas a sexualidade das crianças.

Nos finais das décadas do século XX segundo Bejin (1986), a sexualidade difere do início desse mesmo século, começa-se no Brasil mais precisamente no início de

---

<sup>1</sup>Foi um movimento literário originado em meados dos anos 1950 por um grupo de jovens intelectuais que estava cansado do modelo quadrado de ordem estabelecido nos EUA após a Segunda Guerra Mundial.

1970, um segundo momento da sexualidade, movimento estes envolvendo médicos e psicólogos, culminando com a implementação da educação sexual nas escolas.

Assim no sudeste brasileiro foram feitas as primeiras iniciativas de implantação da educação sexual nas escolas, nessa época o interesse pela educação sexual ressurgiu no cenário brasileiro ainda com resistências, posteriormente são realizados congressos sobre educação sexual surgindo assim experiências novas nas escolas em todo o estado de São Paulo.

Percebe-se que a discussão acerca da sexualidade no Brasil tem se apresentado ao longo da história com um tema polêmico carregado de estereótipos e de encontros e desencontros, ela faz parte da humanidade, se apresenta nas mais variadas formas e contexto de acordo com a cultura e momento vigente.

Assim a sexualidade humana é expressa na particularidade de cada indivíduo, bem como na coletividade, na maneira em que esse indivíduo foi educado e socializado, padrões que ao longo de sua vida foram por ele apreendidos e internalizados, constituindo assim em um alicerce de valores, comportamentos e atitudes que se manifestam no dia a dia.

Nessa perspectiva a família é fundamental na organização da personalidade e responsável pelo processo de socialização primária dos indivíduos, já que muitas vezes é considerada como o primeiro grupo social da criança, estabelecendo formas e limites de relações entre as gerações mais novas e mais velhas (Pratta & Santos, 2007).

É no seio familiar, na intimidade, que o indivíduo desde a infância recebe as primeiras orientações e valores associados à sexualidade, mesmo que ainda, não ocorram de formas explícitas. Sayão (1997) argumenta que no decorrer da infância o comportamento dos pais, nas relações, nas recomendações, expressões, gestos e

proibições, transmitem valores que a criança vai incorporando no decorrer do seu desenvolvimento. Salienta ainda, que outras fontes também influenciam na sexualidade da criança, como pessoas extrafamiliares, livros, artes, mídias e um espaço que é uma das bases de nossa discussão, a escola.

Osório (1996) também defende que a família exerce papel importante na vida do indivíduo, pois é uma instituição que emite modelo ou padrão cultural da sociedade no qual faz parte. Com isso, percebe-se que o padrão familiar também sofre alterações de acordo com as mudanças e transformações que a sociedade vai sofrendo no decorrer do seu processo sócio histórico.

Pode-se também destacar a relação conflituosa entre a sexualidade e religião cheia de desencontros carregada de uma visão negativa, pessimista e controladora. Dessa maneira Rosemberg (1985), relata que a igreja católica na década de 60 se portou como um freio poderosíssimo, em que tinha como objetivo impedir a entrada da Educação Sexual formal na escola brasileira, sendo extremamente repressiva quanto às questões relacionada ao sexo.

Portanto, para Rosemberg (1985), nessa década diante de um momento de autoritarismo totalmente moralista, o sistema de ensino encontrava-se bastante repressivo, quanto às restrições e informações à sexualidade humana assim como as manifestações da sexualidade entre os adolescentes. “Nesse ambiente escolar, o discurso formal sobre sexualidade ou era negado ou era usado como pretexto para desencadear comportamentos punitivos (Rosemberg, 1985, p. 12)

Muitos livros com o intuito de denegrir as mais variadas manifestações sexuais, tornando-as pecaminosas eram publicados por editoras católicas, assim organizações católicas atuavam como sensores de moralidade a filmes, bem como espetáculos transmitidos na época.

Percebe-se a forte influência do cristianismo nas questões relacionadas à sexualidade em que os padrões de comportamentos assim como as regras que controlassem atos de prazer que as pessoas pudessem ter eram fundamentados em conceitos religiosos. O ato sexual torna-se pecado, da mesma forma que a sexualidade passa a ser questionável simplesmente por permear e discorrer a partir de temas considerados polêmicos.

A sexualidade nas instituições religiosas ao longo da história segundo Costa (1986) foi marcada por tabus, estigmas em que o sexo e prazer sem fins reprodutivos são considerados pecado. O que vemos é as instituições religiosas através da repressão moldar o indivíduo e posicionando-o aos valores da própria instituição.

Foucault (2004) é categórico em relatar que o cristianismo mesmo não tendo inventado os preceitos morais em que os fiéis estavam subjugados, o mesmo moldou-os e universalizou-os, tornando-os lei.

Nesse sentido a Igreja exerceu grande influência na vida sexual das pessoas, passando a condenar a masturbação citando-a como um mal para a humanidade, sendo essa prática capaz de contrair doenças físicas e mentais Cruz (2016).

Portanto preceitos que eram tidos como comuns na sociedade, foram constituídos em preconceitos moralizantes pelas religiões judaico-cristãs, que influenciou fortemente na sexualidade do Ocidente mudando conceitos, ditando regras e normas, para que o controle fosse mantido.

#### **4. Educação sexual nas escolas brasileiras: a escola e a sexualidade**

A educação sexual nas escolas passou por diferentes configurações, já que também recebe influências culturais, sociais, políticas e econômicas vigentes na sociedade. Pode-se considerar que a sexualidade teve uma abertura maior para ser introduzida na realidade escolar, após o surgimento da epidemia do Vírus da Imunodeficiência Humana/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV/AIDS) e do aumento do índice de gravidez precoce entre jovens e adolescentes em idade escolar, porém adotando uma postura basicamente preventiva.

Para Rosemberg (1985) a educação sexual tem ênfase na escola a partir de 1978, em parte motivada por um programa de TV com reportagem sobre Educação sexual na escola; a autora menciona que a partir dessa data surgiram vários outros programas e eventos que traziam à tona a discussão, o debate, as palestras e conferências sobre assuntos envolvendo a sexualidade, embora, ainda houvessem vozes repressivas a ecoar...

Nesse ano Rosemberg (1985) rela que também foi aprovada no 1º Congresso Nacional de Educação Sexual a implantação da orientação sexual nas escolas de segundo grau, embora mais voltada para questões biológicas e médicas do que discussões de comportamentos e valores sexuais propriamente ditos.

Na década anterior a deputada Julia Steimbruck já havia apresentado um projeto de lei propondo a implantação obrigatória da orientação sexual nas escolas do país. Leão (1999) comentando esse projeto nos informa que o mesmo teve o apoio de parte dos deputados, intelectuais e educadores, porém não teve aprovação da Comissão Nacional de Moral e Civismo do Ministério da Educação e Cultura.

Sayão (1997) afirma que com o aumento da AIDS e da gravidez precoce as iniciativas de orientação sexual nas escolas particulares do Brasil se proliferaram nos anos 1980.

Nesse contexto de preocupações cada vez maiores em relação às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência foram implantados projetos educativos de prevenção à doença em toda rede escolar brasileira. Durante anos a sexualidade nas escolas ficou atrelada à ideia de educação para a saúde e, muitas vezes, ainda está, embora a partir da última década do século XX alguns acontecimentos terem contribuído significativamente para uma abordagem mais abrangente da temática nas escolas.

No início da década de 1990, muitos profissionais, como médicos, juristas e educadores ainda defendiam que a família deveria assumir a responsabilidade da educação sexual de seus filhos. Considerando que naquela época, era a mãe quem educava e respondia as perguntas das crianças, enquanto pequenas, e conforme a criança crescia se menino a educação ficava basicamente sob a responsabilidade do pai e, se menina com a mãe (Bordini, 2009). Nesse sentido, compreende-se que a educação para a sexualidade, seguia o modelo considerado “natural” pelas famílias, ou seja, um casal adulto heterossexual, que mantinham relações sexuais para a reprodução.

Já no final dessa mesma década, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) incluíram temas transversais, esses temas abordavam questões sociais urgentes, exigindo, ensino e aprendizagem de conteúdos específicos no currículo escolar. Nesse contexto, a educação sexual foi instituída oficialmente na educação escolar brasileira, através do tema transversal denominado *Orientação Sexual* (Bordini, 2009). Em momento específico tratar-se-á de forma mais contextualizada a inserção da educação sexual no currículo escolar brasileiro ancorado nos PCN.

Desse cenário, é possível observar, que quando se pensa em educação sexual no ambiente escolar no contexto da atualidade, as divergências e conflitos de ideias naturalmente irão surgir, pois esse assunto não se limita apenas em conceitos científicos, mas também, em conceitos dogmáticos, especulativos, muitas vezes preconceituosos, limitados e conservadores.

Portanto, de acordo com Louro (1997) é primordial que se reconheça que a escola não apenas reproduz e ou reflete as concepções de gênero e sexualidade, mas que ela própria é produtora dessas concepções.

Héritter (1996) relata que o indivíduo não pode ser pensado a partir dele mesmo, é nas relações que são estabelecidas entre seus pares que ele se faz conhecido, portanto é na relação binária homem/mulher que o gênero se constrói.

Para Scott (1995) o conceito de gênero vai além da construção em que se diferenciam os sexos, o gênero dá sentido a essa diferenciação. Em acordo com as autoras; gênero se faz e refaz na construção social entre homem e mulher. Professores tornam-se referência ao se posicionar sobre a sexualidade na escola, optando por discutir ou abster-se diante da problemática, pois a forma com que lidam com o assunto influencia diretamente no resultado do trabalho.

É importante pensar que as escolas brasileiras, principalmente as públicas atendem crianças e adolescentes com diversidade étnica raciais, de classes sociais diferentes, de culturas religiosas mais brandas até as mais conservadoras, alunos que estudam e trabalham, alunos com necessidades especiais, alunos e alunas que vivem sua identidade de gênero e sua orientação sexual fora da regra da heteronormatividade (Seffner,2009). Sendo assim, é notória a importância de adotar estratégias de acolhida e de inclusão efetiva da criança e do adolescente nos processos educativos, isso significa também construir um ambiente que respeite as diferenças de gênero e orientação sexual.



Para isso, concordo com Ribeiro (2009) quando ele relata que a educação sexual, requer atividades que não fiquem presas a procedimentos didáticos explicativos e dessexualizados, mas sim a busca de estratégias que desafiem a imaginação, já que a sexualidade nada mais é do que a interação com o outro e a percepção e compreensão de si mesmo.

É preciso destacar que a educação sexual apesar de ter avançado em relação a sua inclusão no meio escolar, ainda é capaz de produzir um clima tenso, e até mesmo de mal estar, por parte de alguns membros da equipe, não por uma proibição superior, mas por receio de falar sobre o assunto e despertar nas famílias críticas sem saber se terá o apoio dos gestores, ou ainda, por insegurança e dúvida de como abordar o tema, se é preciso ter um momento e uma idade certa para o início de uma conversa sobre sexualidade e curiosidades que cercam o mundo de crianças e adolescentes.

Compreende-se ainda, que como Louro (1999) abordou, a sexualidade independe da intenção manifesta, da existência de uma disciplina ou não no currículo escolar. A sexualidade está presente nas escolas, simplesmente por ser constituinte e inerente à formação humana.

Portanto, a escola educa sexualmente seus alunos, não apenas através da realização de programas planejados, mas através da estrutura e da atividade que lhes proporcionam. O não falar sobre sexo e sexualidade também é uma forma de educar, o silêncio é uma orientação.

Figueiró (2009) menciona que não falar de sexo, faz com que o educando considere que esse assunto não possa ser comentado, leva-o a entender como algo misterioso, que não pode ser tratado e aceito naturalmente.

Por isso, Braga (2009) ao tratar de educação sexual, os educandos e os próprios adultos considerarem um processo reeducação sexual, oportunizando repensar tabus, mitos e preconceitos carregados individual e coletivamente.

Sabe-se que a escola tem como principal objetivo a aprendizagem de conhecimentos, bem como o desenvolvimento de uma atitude diante do conhecimento. Assim os professores atuam como mediadores da aprendizagem formal e informal. São modelos de identificação sexual dos seus alunos, pois transmite verbal ou não verbalmente, informações sobre a sexualidade (Braga, 2009). Nesse contexto, entendemos que a escola interfere diretamente na construção da sexualidade de seus alunos.

Convém resgatar que por muito tempo a escola simplesmente reproduzia os valores e os padrões estabelecidos na sociedade, e ainda, é bem possível de encontrarmos. Sendo assim, como lembrado por Colling (2009) os papéis sexuais construídos historicamente acabam sendo afirmados e reafirmados nos espaços escolares.

Mello (2004) destaca que a educação sexual, assim como a saúde sexual, é parte dos direitos humanos básicos e fundamentais. Nessa perspectiva a educação escolar deve pensar em um trabalho de educação sexual compreensiva e emancipatória.

Nesse sentido, é importante que a escola compreenda o seu papel social enquanto instituição de ensino; e aprenda a lidar com as diferenças, ao invés de produzir distinções, classificações, ordenamentos e hierarquizações, corroborando a ideia de Louro (1997) que enfatiza que a escola ao invés de contribuir na aceitação das diferenças, estabelecem divisões, raciais, étnicas, classistas, de sexualidade e gênero.

Outro ponto discutido por Rosemberg (1985), é que o educador ao falar de sexualidade e desenvolver o seu papel de mediador deve trabalhar com os diferentes pontos de vista sobre as várias questões que envolvem o sexo e a sexualidade, assim contribuindo efetivamente na formação dos alunos, ajudando-os a decidirem de maneira mais consciente suas ações e conduta sexual.

Ribeiro (2005) defende que a escola deve ser um ambiente que proporciona a discussão dos diferentes, tabus, preconceitos, crenças em relação à sexualidade, o que não significa ditar o que está “certo” ou “errado” ou impor seus valores, o educador, como o próprio autor se refere deve ser um “dinamizador de ideias”. Para ele, quando a escola assume essa postura contribui para que crianças e adolescentes, futuramente, tenham mais responsabilidades em relação a sua vida sexual, optando por escolhas mais assertivas e atitudes preventivas.

Portanto como já discutido no decorrer desse texto, o acesso à educação sexual é direito da pessoa, vai muito além de questões de prevenção e saúde sexual. Essa educação de cunho científico sobre a sexualidade deve contemplar a ludicidade, o prazer, a liberdade de viver a sexualidade. Indo ao encontro do que as autoras citadas acima defendem que o conhecimento científico da sexualidade deve ter caráter crítico e não apenas caráter biológico e preventivo.

Para isso, Britzman (1998) e Ribeiro (2009), não obstante uma diferença de mais ou menos 10 anos, assinalam a importância da sensibilização dos educadores para conhecer os principais problemas que afetam a sociedade, de se tornarem curiosos sobre suas próprias concepções em relação ao sexo, de se despir de todo e qualquer comportamento estigmatizado, preconceituoso que persistem em vigorar na atualidade.

A discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de primeiro e segundo graus segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil,

1998), intensifica-se a partir da década de 70, por ser considerada importante na formação global do indivíduo:

a sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, além da sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental das pessoas. Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida. Além disso, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Educação, Psicologia, Antropologia, História, Sociologia, Biologia, Medicina e outras. Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade, entendida de forma bem mais ampla, é expressão cultural (Brasil, PCN, 1998, p. 81).

Os PCN, constituem-se em um referencial de qualidade para a educação que abrange toda a rede de nacional de ensino, visando a orientação, garantia de investimentos, socializações, pesquisa, servindo de suporte para professores e técnicos, principalmente aqueles de menor contato com a literatura pedagógica atualizada. Caracteriza-se pela flexibilidade concretizada na autonomia, em que a tomada de tanto regional e local possa adequar o currículo à sua realidade educacional, portanto, não é um modelo homogêneo e impositivo e, também não pode ser visto como a solução dos problemas permeados na educação.

Os PCN, têm como objetivos educacionais proporcionar aos alunos ao longo do período escolar, subsídios para que ele possa desenvolver capacidades que se expressam em uma gama de comportamentos e, essas capacidades visam a formação ampla desse aluno.

Sendo assim a Educação Sexual foi constituída, de acordo com o PCN, em 1998, em tema transversal, ou seja, como um assunto ministrado no interior das várias áreas de conhecimento, dialogando com cada uma delas. A escola é uma das instituições nas quais estão presentes e se desenvolverá os mecanismos do dispositivo da sexualidade. Foi somente no final da década de 1990, a partir da iniciação do PCN desenvolveu

elementos que caracterizavam a sexualidade, no sentido de que esta é histórica e culturalmente construída, a Educação Sexual passou a vigorar nas escolas (Rena, 2006).

Altmann (2001, p. 5) relata que “os PCN pretendem ser um referencial fomentador da reflexão sobre os currículos escolares, uma proposta aberta e flexível, que pode ou não ser utilizada pelas escolas na elaboração de suas propostas curriculares”.

Os temas transversais contidos no PCN caracterizam-se por discutir proposta considerando as temáticas relacionadas à ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural e orientação sexual através da transversalidade, pois, todas as áreas do conhecimento presentes na escola devem promover a interação e diálogo com os alunos. Portanto a sexualidade passará a dialogar junto com os demais temas transversais a partir do PCN, isso nos faz pensar a sexualidade dialogada nas mais diferentes áreas do conhecimento, longe de ser algo que venha complementar o trabalho docente.

No entanto, a Orientação Sexual dentro do PCN tem uma amplitude que vai além de conceitos biológicos dos sujeitos, traz em si um diálogo norteado por questões de gênero, prazer e desejo. O PCN como um parâmetro legal, permitindo assim que a sexualidade seja discutida, dialogada na escola. Rizza e Ribeiro (2011) nos fazem refletir sobre a formação e preparação dos docentes para uma prática pedagógica transversal, que possibilite o diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento.

Assim pode-se pensar o currículo, na sua organização, longe de ser apenas estratégias de avaliação, normas, condutas, disciplinas, metodologias e sim como essas questões se organizam e articulam a partir das relações de poder e saber, que modelam os sujeitos, formando-os e educando-os para serem sujeitos dóceis e úteis à sociedade.

O poder para Foucault (2007) se define em um conjunto de ações sobre ações possíveis, se estabelece na condução de condutas, estabelecendo e delimitando o campo de ação do outro. Dessa maneira:

a seleção do que é conhecimento e do que não é conhecimento, é um exemplo dessa relação de poder que se estabelece, a qual gera uma divisão entre os indivíduos, excluindo os saberes dos sujeitos que vivem em outros contextos sociais, que não são contemplados pelo currículo escolar (Rizza & Ribeiro, 2011, p. 116).

Por fim acredita-se em uma educação para a sexualidade problematizadora em que se possa desconstruir os discursos naturais permeados em nossa sociedade, onde nada é dado como certo, tudo é questionável, podendo assim surgir outras possibilidades de pensar a sexualidade e como nos constituímos nas e das relações de poder e saber.

## 5. MÉTODO

Pesquisar faz parte do nosso dia a dia, é parte muito importante que nos liga ao trabalho de ensino, extensão e lutas. “Todos, os espaços e processos de construção compartilhada de conhecimento, nos quais, criticamente nos perguntamos a favor de que, contra o quê” (Oliveira & Sousa, 2014, p. 7).

O pesquisador se propõe a pesquisar a partir da curiosidade sobre uma temática específica; portanto, no momento em que é definido o objetivo da pesquisa, o pesquisador não consegue manter-se neutro, porque suas preocupações são reveladas, assim ele seleciona os fatos a serem coletados e também as formas de recolhê-lo.

A presente pesquisa norteou-se a partir da abordagem de investigação qualitativa que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Segundo Bogdan e Biklen (1994), alguns elementos são necessários para caracterizar esse tipo de pesquisa visando uma coleta de dados em ambiente natural, sendo o investigador o instrumento principal; a investigação qualitativa é descritiva, sendo mais importantes para os investigadores o processo do que os resultados ou produtos (Vilelas, 2009); os dados são analisados de forma indutiva, buscando o sentido e o entendimento de como as pessoas significam a sua própria vida.

Nessa perspectiva buscou-se a compreensão, as percepções, os valores, os ideais, os conhecimentos, os sentimentos e interpretações sobre sexualidade das pessoas envolvidas. Portanto, o agir e o pensar são elementos fundamentais na abordagem qualitativa.

Para atender aos requisitos da pesquisa foram utilizados livros, artigos, periódicos, dissertações, teses, revistas, sites reconhecidos como base de dados da CAPES, SCIELO.

A busca por artigos baseou-se nos seguintes descritores: sexualidade na escola; educação sexual e sexualidade.

A partir dessas referências fez-se uma leitura exploratória sobre a temática da pesquisa, elencando autores no campo da sexualidade para que posteriormente servissem como base de apoio e sustentação para a redação final da pesquisa.

## **5.1 LOCAL**

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma escola municipal de educação básica de uma cidade de pequeno porte da região central do estado de São Paulo e, trabalham nesta escola 9 funcionárias e 13 professores (as).

## **5.2 PARTICIPANTES**

Participaram desta pesquisa toda a equipe escolar que trabalham na escola, chegando ao número de 22 pessoas. A escolha desta escola deve-se ao fato de ser o local de trabalho deste pesquisador, e, por esta razão mesma, ser facilitada a pesquisa, uma vez que existe conhecimento e convivência mútua. E também por presenciar normalmente vários diálogos em reuniões de professores junto com a direção da escola, falas das funcionárias em relação aos alunos sobre questões relacionada a sexualidade na educação básica.

De acordo com Boni e Quaresma (2005), quando há familiaridade com as pessoas a serem entrevistadas, pode-se obter uma boa pesquisa, as pessoas tendem a ficar mais tranquilas, sentindo-se seguras às respostas, portanto dispostas a colaborar.

Dentre os 22 participantes apenas quatro são do sexo masculino, mostrando que na educação básica em sua maioria o número de pessoas do sexo masculino ainda é pequeno.



Os quadros 1 e 2 apresentam os participantes da pesquisa; professores e funcionários cujos nomes são fictícios.

**Quadro 1:** Caracterização dos participantes

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Formação</b>	<b>Gênero</b>	<b>Religião</b>	<b>Tempo de exercício docente</b>
Marta	55 anos	Pedagogia e Pós em Psicopedagogia	Feminino	Católica	12 anos
Elsa	39 anos	Pedagogia e Pós em Educação Especial	Feminino	Católica	7 anos
Rosa	39 anos	Pedagogia, Letras, Pós em Educação e Ludicidade	Feminino	Católica	13 anos
Elvira	60 anos	Pedagogia, Letras e Pós em gestão escolar	Feminino	Espirita	40 anos
Carlos	40 anos	Letras	Masculino	Cristão	13 anos
Mercedes	45 anos	Pedagogia, Serviço Social e Pós em Educação Especial	Feminino	Católica	5 anos
Regina	38 anos	Pedagogia e Pós em Psicopedagogia e Educação especial	Feminino	Católica	14 anos
Fabíola	42 anos	Pedagogia e Pós em Psicopedagogia e Educação Especial	Feminino	Católica	22 anos
Úrsula	48 anos	Pedagogia e Pós em Teorias e Práticas	Feminino	Católica	19 anos
João	31 anos	Arte e Pedagogia	Masculino	Católica	11 anos
Francisco	27 anos	Educação Física e Pós em Psicomotricidade	Masculino	Católica	6 anos
Juliana	42 anos	Arte	Feminino	Espirita	22 anos

Bruna	51 anos	Pedagogia e Pós em Gestão Escolar	Feminina	Católica	15 anos
-------	---------	-----------------------------------	----------	----------	---------

*Fonte:* Elaboração própria

### **Quadro 2:** Caracterização dos funcionários (as)

Nome	Idade	Formação	Gênero	Religião	Tempo de serviço
Gisele	43	Cursando Educação Física	Feminino	Católica	18 anos
Rita	52	Pedagogia	Feminino	Católica	34 anos
Lúcia	47	Letras e Pedagogia	Feminino	Católica	27 anos
Amanda	18	Cursando Pedagogia	Feminino	Católica	5 meses
Rafaela	41	Pedagogia e Pós em Psicopedagogia	Feminino	Católica	15 anos
Helena	35	Ensino médio completo	Feminino	Católica	7 anos
Régia	62	Fundamental	Feminino	Católica	35 anos
Lurdes	32	Cursando Pedagogia	Feminino	Católica	6 meses
Renilde	30	Ensino médio completo	Feminino	Católica	3 anos

*Fonte:* Elaboração própria

### **5.3 Procedimentos para coleta de dados**

Inicialmente foi estabelecido contato com a Secretária de Educação Municipal a fim de apresentar os objetivos da presente pesquisa e também solicitar a autorização para a sua realização, na escola e à aplicação dos questionários aos professores (as), funcionárias da escola. Alguns diretores (as) escolares não são muito abertos às pesquisas em seu ambiente de trabalho. Porém não houve dificuldades para a realização da pesquisa.

Em seguida, durante a reunião de Horas de trabalho de produção coletiva (HTPC) que acontece às segundas feiras, que é um momento em que os professores da rede municipal se reúnem em suas escolas para tratar de assuntos referentes à escola, a pesquisa foi apresentada aos colegas pesquisados para apreciação e aprovação. Em relação aos demais funcionários da escola, a pesquisa foi apresentada em seus postos de trabalho, pois, os mesmos não participam do HTPC.

Todos os participantes da pesquisa receberam a carta de esclarecimento da pesquisa (APÊNDICE B) e o termo de consentimento do participante (APÊNDICE C).

O questionário foi entregue no ambiente de trabalho e todos os participantes responderam em seus horários livres. O período de coleta de dados, aplicação de questionário ocorreram entre os meses de março a maio de 2017.

Ressalta-se que a pesquisa obedeceu aos princípios éticos estabelecidos na Resolução CNS 466/12, como a preservação da identidade dos participantes mediante a autorização, no qual foram esclarecidos os objetivos da mesma.

### **5.3.1 Instrumento para coleta de dados**

Para a realização da presente pesquisa foi utilizado um questionário estruturado, previamente elaborado pelo pesquisador (APÊNDICE A) aplicado a todos as pessoas que trabalham na escola, objetivando saber como estas significam a educação sexual, o que pode e deve ser trabalhado na escola, sua formação em e percepção da educação sexual. Essa ferramenta se justifica pelo fato de poder comparar um mesmo conjunto de perguntas, assim é possível refletir as diferenças e não diferenças nas perguntas (Lakatos & Marconi, 1996).

As vantagens desse tipo de questionário de acordo com Boni e Quaresma (2005) é que, em muitas vezes, o pesquisador não precisa estar por perto no momento em que o

participante responde às perguntas e, também pode atingir pessoas em diferentes áreas; as pessoas ficam mais à vontade em respondê-las devido ao anonimato. As desvantagens é que nem sempre todas as perguntas são respondidas: muitas pessoas não compreendem a pergunta devido a ausência do entrevistador e que a demora em devolver o questionário pode prejudicar a pesquisa.

Na elaboração do questionário foram observados os cuidados necessários quanto a perguntas ambíguas, tendenciosas; procurou-se atentar na sequência do pensamento do entrevistado, de maneira que as perguntas tivessem certa lógica para o entrevistado e também o pesquisador se apoiou em uma leitura acadêmica que desse suporte às perguntas. Bourdieu (1999) relata que o pesquisador pode fazer com que o entrevistado traga a memória fatos significativos que marcaram sua vida. Para contemplar a validade semântica, o questionário foi aplicado a professores e funcionários de outra escola não envolvidos na pesquisa. Além disso, houve a análise de três juízes independentes sendo: uma psicóloga, uma pedagoga e um professor de Educação Física. Esclarece-se de antemão que os nomes dos participantes são fictícios de forma a preservar o anonimato.

Para melhor explorar os resultados as perguntas foram agrupadas a priori por temáticas, a saber, exposta no quadro 3.

### **Quadro 3: Categorias temáticas e Roteiro de questões**

Categoria temática	Roteiro de questões
1. Entendimento sobre sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quem exerceu forte influência em sua educação para a sexualidade, seus pais, a escola, ou a igreja? Essa influência foi positiva ou negativa?</li> <li>- Em sua principais dúvidas com quem você teve mais segurança para conversar sobre questões relacionadas a sexualidade?</li> </ul>
2. Conhecimento sobre sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Em sua formação profissional houve alguma disciplina que abordou algum tema relacionado à sexualidade? Se sim, o que você achou, tem ajudado em seu dia a dia</li> </ul>

	na escola e fora dela? - Você gostaria de participar de uma capacitação sobre educação sexual? -Quais os temas mais pertinentes que poderiam compor essa capacitação? - Você conhece algum material sobre educação sexual distribuído pela secretaria de educação?
3. Atitude perante a sexualidade dos alunos	- Como você se sente para tratar de assuntos sobre sexualidade com os alunos? - Como você lidaria com possíveis manifestações da sexualidade de uma criança na sala de aula ou no espaço escolar? Reprimindo? Ignorando?
4. Perspectiva da escola frente à manifestação da sexualidade dos seus alunos	- Em que período se inicia o diálogo sobre educação sexual? - Em relação a educação sexual dos alunos quem tem maior influência? (pais, professores, igreja, outros). - De que forma a escola pode ser um dos espaços em que sejam trabalhadas questões relacionadas a sexualidade? - Você acredita que exista um profissional adequado para tratar de questões relacionadas a sexualidade na escola? - Quais os temas relativos à sexualidade que devem ser abordados na escola?

*Fonte:* Elaboração própria

### 5.3.2 Procedimentos para a análise de dados

Para a análise dos dados obtidos através do questionário utilizou-se como metodologia a análise exploratória dos dados, posteriormente elaborou-se algumas tabelas com os resultados. As perguntas abertas deste instrumento foram analisadas qualitativamente e agrupadas em categorias temáticas. O processo de elaboração das categorias temáticas ocorreu a partir da interpretação do conteúdo presente nas falas dos participantes. A categorização segundo Bardin (1977) é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação, seguida por reagrupamento segundo a analogia, tendo por intento uma representação simplificada dos dados.

Sob esta ótica e em função do instrumento de coleta de dados (questionário), constituiu-se categorias temáticas de acordo com temas em comum e em função dos objetivos estabelecidos.

## **6. Apresentação e discussão dos resultados**

Nesta seção são apresentadas, discutidas e analisadas as categorias temáticas e também as tabelas referentes a cada categoria temática, com os dados obtidos nas entrevistas com a equipe escolar da escola pesquisada, bem como, observações que surgiram no decorrer desse processo.

### **6.1 CATEGORIA 1: ENTENDIMENTO SOBRE SEXUALIDADE**

Nesse bloco discute-se a representação da sexualidade para essas pessoas considerando a formação sexual desde a infância, as referências culturais, familiares e religiosas.

Considera-se essa temática uma parte fundamental dessa pesquisa já que quando se fala de educação sexual em uma instituição escolar é importante compreender primeiramente como os profissionais que atuam no dia a dia com os alunos vivenciaram e ainda vivenciam a sua própria sexualidade.

Nesse sentido, pesquisou-se como os participantes foram educados sexualmente no seu contexto familiar, escolar e religioso e como essas influências vem refletindo positiva ou negativamente na sua sexualidade. Considerando que a educação sexual formal e principalmente a informal estão diretamente ligadas à construção da identidade do indivíduo, pensando sobre esses conceitos criticando ou aceitando, se posicionando diante dos assuntos que permeiam essa temática.

As respostas dos participantes foram agrupadas no Quadro 4.

**Quadro 4:** Categoria 1- Entendimento sobre sexualidade

<b>Participantes</b>	<b>Quem exerceu forte influência em sua educação para a sexualidade, seus pais, a escola, ou a igreja? Essa influência foi positiva ou negativa?</b>	<b>Em suas principais dúvidas com que você teve mais segurança para conversar sobre questões relacionadas à sexualidade?</b>
<b>Lúcia</b>	Meus pais, e a influência foi positiva.	Com uma tia minha.
<b>Rita</b>	Nenhum desses, só ouvindo os mais velhos comentando o que pode e o que não pode, aí veio o medo. Pra mim foi negativa	Com ninguém.
<b>Francisco</b>	Escola, positivo, pois poderíamos tirar as nossas dúvidas sem receio dos pais.	Professores e amigos.
<b>Bruna</b>	A escola. Muitas explicações por parte dos professores e descobertas com amigas, principalmente as mais velhas, mas todas positivas.	Tinha mais liberdade com amigas mais velhas do que eu para perguntar e tirar dúvidas.
<b>Marta</b>	Nenhum o que eu sabia era por minha conta. Acho que teve pontos negativos e positivos.	Com amigos.
<b>Carlos</b>	Um pouco de cada, mas eu diria que meus pais talvez um pouco mais, mais por conta de valores da época e da educação religiosa protestante que receberam.	Geralmente questionava meus primos mais velhos.
<b>Úrsula</b>	Não tive educação sexual de meus pais. Era assunto proibido.	Com amigos.
<b>Mercedes</b>	Os amigos. Foi curiosa, mas positivo.	Com amigos.
<b>Elvira</b>	Isso não fazia parte do meu cotidiano. Era muito fechado na minha família.	Uma prima muito chegada.
<b>Fabíola</b>	Este tema não era aberto. Lia apenas em revista.	Não conversava com ninguém.
<b>Rosa</b>	Meus pais e a igreja sempre reprimiram a sexualidade, somente na escola é que fui tirar as dúvidas que possuía.	Com meu professor ou colegas.
<b>Renilde</b>	De certa forma todos um pouquinho, e as influências foram negativas.	Com minhas colegas.
<b>João</b>	Nenhum desses.	Amigos.
<b>Regina</b>	Os pais. Foi positiva.	Mãe.
<b>Juliana</b>	Meus pais e a influência foi positiva.	Com minha mãe.



<b>Amanda</b>	Minha mãe e amigas. Foi positiva, pois me ajudou muito.	Minhas amigas.
<b>Elsa</b>	No meu caso minha família nunca falou à respeito, mas na escola aprende de forma lúdica com livros educativos.	Minhas dúvidas tirava com minhas amigas ou até professores.
<b>Régia</b>	Meus amigos. Positiva, pois aprendi tudo com eles e quando minha mãe veio me falar eu já sabia.	Minha melhor amiga.
<b>Helena</b>	Minha mãe.	Com minha irmã.
<b>Gisele</b>	A escola.	Com minha mãe.
<b>Rafaela</b>	Com minha mãe, muito positiva.	Com minha mãe.
<b>Lurdes</b>	Na minha educação sexual eu aprendi com a vida, no dia a dia. Minha mãe pouco falou, talvez por aquele modo antigo de ensinar. Na escola tive alguns ensinamentos na matéria de ciências. Na igreja não me lembro de alguém ter me ensinado. Na minha educação na fase escolar foi mesmo fundamental.	Pra falar a verdade com colegas, mas eu leio muitas revistas referente ao assunto.

*Fonte:* Elaboração própria

A partir dos dados coletados foi possível observar que a maioria dos entrevistados recebeu uma educação sexual informal, ou seja, houve uma compreensão subjetiva por parte desses indivíduos do que era considerado permitido ou proibido acerca da sexualidade através do que ouviam ou percebiam no comportamento adulto. Figueiró (2013) relata que a educação sexual informal traduz em ações não planejadas, que acontecem no dia a dia nos gestos, olhares, silêncios, comentários, portanto, ela não é intencional.

Diante das respostas averiguou-se que as famílias dos entrevistados muitas vezes seguiam o modelo tradicional de educação entendendo que assuntos que envolviam sexo deveriam ser reprimidos e não comentado principalmente na presença de crianças.

Contudo, aqueles que de alguma forma sentiam a resistência familiar buscou diferentes estratégias para obter informações e tirar suas dúvidas, seja com os amigos ou alguém que inspirava determinada confiança, podendo ser algum familiar mais próximo ou um professor. Corroborando com Louro (2010) que afirma que o sexo era assunto particular e não social, ou seja, o assunto era tratado apenas com alguém muito íntimo.

Em alguns casos, a escola ofereceu informações pontuais dentro de disciplinas específicas. Em situações mais extremas temos aqueles que relatam nunca ter confidenciado suas dúvidas.

Nessa perspectiva, nota-se a dificuldade de alguns participantes ao abordar esses conceitos, que embora atualmente sejam discutidos com uma abrangência maior, inconscientemente esse “tabu” ainda não foi quebrado e conseqüentemente esse assunto é pouco discutido no espaço escolar convergindo com Maio (2012) quando argumenta que a educação sexual é parte da função social da escola, mas que acaba esbarrando em inúmeras dificuldades ao tratar o assunto, já que ainda é alvo de repressão. Dessa maneira, como já mencionado na revisão bibliográfica, salientamos a importância de toda a equipe escolar passar pelo processo de reeducação sexual, repensar conceitos, tabus, mitos e preconceitos e assim naturalizar a educação sexual na escola (Braga, 2009).

## 6.2 CATEGORIA 2: CONHECIMENTO SOBRE SEXUALIDADE

### Quadro 5: Categoria 2 - Conhecimento sobre sexualidade

Participantes	Em sua formação profissional houve alguma disciplina que abordou algum tema relacionado à	Você gostaria de participar de uma capacitação sobre educação sexual?	Quais os temas mais pertinentes que poderiam compor essa capacitação?	- Você conhece algum material sobre educação sexual distribuído pela
---------------	---	---	---	--

	<b>sexualidade? Se sim, o que você achou, tem ajudado em seu dia a dia na escola e fora dela?</b>			<b>secretaria de educação? Faz uso dele em suas aulas?</b>
<b>Lúcia</b>	Não	Sim	-----	Não
<b>Rita</b>	Não	Sim	Investir no professor. Encorajar para não ter medo e nem vergonha de falar sobre o assunto. Em séries mais avançadas: sexualidade humana, fisiológica da reprodução, doenças sexualmente transmissíveis, relação interpessoal e planejamento familiar	Não
<b>Francisco</b>	Anatomia, porém insuficiente	Talvez	Orientação, maturação e desenvolvimento, riscos	Não
<b>Bruna</b>	Sim, mas muito superficial	Sim, gostaria	Gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, homossexualidade e	Não tenho conhecimento se há. Já vi folders do assunto, mas distribuídos pela secretaria da saúde.
<b>Marta</b>	Não, não tive essa disciplina	Talvez	Gravidez e doenças contagiosas	Não conheço, portanto não faço uso
<b>Carlos</b>	Sim, na aula de ciências	Sim	Ética e moral agregado a vida em sociedade	Não
<b>Úrsula</b>	Não, em minha formação não houve disciplina que abordasse o tema	Sim, gostaria	DST, preconceito e outras	Não
<b>Mercedes</b>	-----	Sim	-----	-----

<b>Elvira</b>	Nunca	Sim	Educação sexual para crianças menores	Não
<b>Fabiola</b>	Não	Sim	Prevenção e educação contra abuso e exploração sexual de crianças	Não
<b>Rosa</b>	Não, só estudei sobre o tema no ensino fundamental II	Sim, gostaria	Creio que seja a didática, nos orientando a como abordar esse assunto e a respeito de dúvidas deles de alguns assuntos difícil de falar, tais como, sexo oral, anal, etc.	Só conheço aquele PNL D – livro didático e sim utilizo nas minhas aulas
<b>Renilde</b>	Não	Sim	Iniciação sexual, aborto, abuso sexual, etc.	Não, não temos material sobre educação sexual em nossa escola
<b>João</b>	Não me recordo	Sim	Formas de abordar o assunto	Não
<b>Regina</b>	Sim, ajuda em alguns assuntos que surgem no dia a dia	Sim	A própria Educação sexual em si	Pesquisei na internet
<b>Juliana</b>	Não me lembro	Não	-----	Não
<b>Amanda</b>	Sim, eu estudei em biologia	Sim	Todos que envolvem sexualidade	Não
<b>Elsa</b>	Sim, minha pós graduação abordava muito esse tema e hoje com alunos e filhos não tenho dificuldades	Não	Prevenção de doenças, gravidez indesejada, e o uso de camisinha	Conheço vários livros ilustrados de forma esclarecedora, mas sem vulgaridade
<b>Régia</b>	Não, na minha infância e adolescência tinha pouca informação sobre o assunto	Não	Sexo sem proteção, gravidez, doenças	Preservativos
<b>Helena</b>	Não	Não	Não sei	Como livros, não
<b>Gisele</b>	Não, na minha infância tinha pouca informação sobre isso	Não	Sem proteção pode ocorrer doenças, gravidez	Preservativos
<b>Rafaela</b>	Não	Não	Gravidez indesejada, DST	Como alguns livros, não

<b>Lurdes</b>	Na formação escolar, formação da vida, dos ensinamentos nos dias e momentos. Sim e muito.	Sim	Através de vídeos, palestras, livros, entre outros	Sim, mostrando material e ensinando. Objetos educativos e ilustrativos deixando claro as formas de educação.
---------------	---	-----	--	--

Nesse quadro são apresentadas as questões que envolvem a formação profissional dos participantes, ou seja, se na graduação e escola se depararam com alguma disciplina que contemplasse ou que pelo menos abordasse alguma temática sobre sexualidade. Discute-se também se a rede municipal de ensino proporcionou ou proporciona alguma capacitação ou disponibiliza material aos professores e funcionários para o apoio ao trabalho na área de educação sexual. E ainda, verificou-se se já houve interesse desses profissionais em estudar ou se especializar no assunto para obter maior conhecimento e facilitar a sua prática.

No que diz respeito à graduação, a maioria dos entrevistados respondeu não ter tido nenhuma disciplina que desse uma base para o trabalho em educação sexual; no máximo o professor de educação física diz ter tido disciplinas que contemplavam o desenvolvimento do corpo humano, mas mesmo assim, voltados para conceitos especificamente biológicos. Comentaram que o estudo que tiveram relacionado à educação sexual, se tiveram, foi no ensino básico, quando discutidas nas disciplinas de ciências e ou biologia.

Analisando os dados, há um possível desencontro da proposta do ensino básico em relação à proposta do ensino superior, pois a ideia defendida por autores como Melo (2004), Ribeiro (2005), Seffner (2009), Figueiró (2009), que acreditam que a educação sexual deve fazer parte do cotidiano escolar, proporcionando aos alunos um espaço para discussão de diferentes temas relacionados à sexualidade através de diferentes

estratégias. Nota-se que não é o foco de trabalho no ensino superior, já que não contempla a temática na sua grade curricular, o que pode ser um dos contribuintes para o despreparo dos professores em relação ao trabalho com a educação sexual.

Apenas um dos entrevistados comentou ter recebido maiores informações e conhecimentos a respeito do tema devido à participação em um curso de pós-graduação; ressalta ainda, que o curso foi elemento importante que proporcionou maiores condições para criar estratégias e principalmente segurança no seu trabalho não apenas com os alunos, mas também com os próprios filhos acerca da sexualidade.

Diante de toda a discussão, é perceptível que apesar dos participantes reconhecerem a importância da educação sexual, esse ainda, não é um tema que desperta o interesse para o conhecimento individual desses profissionais, ou seja, são poucos que buscam cursos, capacitações e aprimoramentos nessa área de conhecimento por iniciativa própria, muitas vezes, esperam que esses cursos sejam oferecidos pela rede municipal de educação, que por sua vez, também acaba não considerando a temática.

Nesse sentido, é possível perceber que o comportamento esquivo está presente nos diferentes contextos e setores sociais, embora percebam a carência e o despreparo cada vez maior na vida dos alunos para lidar com conflitos desde os mais simples até os mais complexos, ainda assim, preferem não abordar o assunto talvez para não confrontar os valores éticos e morais tradicionais que ainda vigoram no imaginário coletivo da nossa sociedade, em que a sexualidade é vista como pecaminosa, imoral e viciosa (Chauí, 1985), ou ainda, preferem uma válvula de escape adotando a postura de culpabilidade dos pais, acusando-os e criticando-os dos comportamentos inadequados dos filhos.

Talvez que por terem ao longo de suas vidas vivenciados uma educação sexual repressiva, há esse desconforto em trabalhar e dialogar temas referentes a sexualidade.

### 6.3 CATEGORIA 3: ATITUDES PERANTE A SEXUALIDADE DOS ALUNOS

**Quadro 6:** categoria 3 - Atitudes perante a sexualidade

<b>Participantes</b>	<b>Como você se sente para tratar de assuntos sobre sexualidade com os alunos?</b>	<b>Como você lidaria com possíveis manifestações da sexualidade de uma criança na sala de aula ou no espaço escolar? Reprimindo? Ignorando?</b>
<b>Lúcia</b>	Tranquila	Não, naturalmente e explicando de acordo com a idade.
<b>Rita</b>	Hoje me sinto tranquila.	Explicaria de acordo com a idade e as curiosidades.
<b>Francisco</b>	Com cautela, pois não sei a aceitação dos pais.	Respeitando a liberdade do mesmo, desde que sem exageros.
<b>Bruna</b>	Me sinto despreparada para falar com eles	Nenhum dos dois. Tentaria explicar do meu jeito sobre o assunto procurando esclarecer.
<b>Marta</b>	Normal, com toda segurança e respeito	Nenhuma das duas e sim explicando.
<b>Carlos</b>	Embora dependendo das circunstâncias tento ser franco e lacônico.	Melhor orientando e direcionando
<b>Úrsula</b>	Buscaria antes orientação profissional	Não sei. Reprimir e ignorar também não
<b>Mercedes</b>	Insegura, mas de acordo com a pergunta.	Reprimindo e falando que não é tempo para isso
<b>Elvira</b>	Nenhum pouco preparada.	Trataria do assunto de forma diferenciada
<b>Fabíola</b>	Não me sinto a vontade	Trataria do assunto de forma diferenciada
<b>Rosa</b>	No início foi difícil, mas depois fiquei mais a vontade.	Não. Acho que o diálogo é a melhor saída. Explicando que cada qual tem sua individualidade, cabe a todos respeitá-los.
<b>Renilde</b>	Hoje me sinto mais aberta, mas tem assuntos que ainda é difícil de ser tratado.	Procuraria ajudar

<b>João</b>	Confortável	Conversando e orientando o aluno.
<b>Regina</b>	Um assunto normal como os outros	Conversando e explicando
<b>Juliana</b>	Normal	Nenhuma nem outra, tentando explicar
<b>Amanda</b>	Ainda não trabalho nessa área.	Eu conversaria sobre o assunto, mas ficaria constrangida
<b>Elsa</b>	Me sinto a vontade, desde que os alunos interajam de forma espontânea, no caso abrangendo o tema com naturalidade.	Nunca ignorando, mas sim abrangendo o tema com naturalidade.
<b>Régia</b>	Eu me sinto a vontade, pois quero passar para as minhas filhas instruções que não tive de meus pais.	Conversando para não ficar traumatizado
<b>Helena</b>	Com os alunos, envergonhada. Com a minha filha normal, somos amigas.	Conversando
<b>Gisele</b>	Vergonha	Conversar sobre o assunto
<b>Rafaela</b>	Com os alunos me sinto envergonhada	Tentando conversar e dando alguns conselhos
<b>Lurdes</b>	Normal, tranquila. Antigamente esse assunto era tratado numa gaveta trancada a sete chaves, mas hoje em dia, é importante desde cedo conversar, orientar e ensinar.	Eu sou justa e gosto de ser sincera e conversar corretamente de uma maneira educativa. Nem reprimindo e muito menos ignorando.

As respostas mostram como os professores e funcionários lidam com a educação sexual no cotidiano escolar, como se sentem diante da responsabilidade de educar sexualmente seus alunos, e ainda, se recebem apoio e amparo gestor de maneira que se sintam seguros para discutir as diferentes temáticas que envolvem a educação sexual. Tem a intenção de entender como esses profissionais interagem com os seus alunos e com a própria equipe de trabalho, se há uma abertura para o diálogo.



É interessante observar que esse tema ainda causa bastante repercussão, medo, receio por parte dos indivíduos pesquisados e apesar de considerarem um assunto relevante e que precisa ser discutido com os alunos, muitos se julgam despreparados para desenvolver essa missão.

Diante das respostas retornamos ao ponto inicial e assim refletir sobre a maneira que essas pessoas receberam essa educação, talvez o constrangimento, o despreparo, a vergonha, sejam elementos que dão indícios fortes de que a maioria desses profissionais obteve uma educação sexual repressora, em que assuntos ligados ao sexo e à sexualidade não são tratados com naturalidade; ou seja, a representação de que o sexo está ligado ao imundo, ao sujo, ao pecaminoso, ainda está bastante presente na vida e no cotidiano dessas pessoas. Esse comportamento pode ser reflexo do cristianismo que moldou e universalizou os preceitos morais da nossa sociedade (Foucault, 2004).

Por outro lado, obtivemos alguns participantes que se consideraram pessoas ativas em relação à educação sexual dos alunos dizendo que não se sentem constrangidos em tratar sobre sexualidade com os estudantes.

Outro posicionamento interessante dos entrevistados que foi possível observar por meio da coleta de dados é que apesar de se mostrarem abertos para o diálogo ao mesmo tempo colocam uma barreira ou um limite que não pode ser ultrapassado pelos alunos.

É importante ressaltar a transferência de papéis que o educador faz com o aluno, pois entendemos que a naturalidade, a espontaneidade e a interação devem ser elementos que o professor e ou o mediador deve proporcionar ao aluno para que o diálogo flua e a segurança do aluno para com o mediador aconteça de maneira favorável e não o contrário (Figueiró, 2009).

#### 6.4 CATEGORIA 4: PERSPECTIVA DA ESCOLA FRENTE À MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE DOS ALUNOS

**Quadro 7:** Categoria 4 - Perspectiva da escola frente à manifestação da sexualidade dos alunos

<b>Participantes</b>	<b>Em que período se inicia o diálogo sobre educação sexual?</b>	<b>Em relação a educação sexual dos alunos quem tem maior influência? (pais, professores, igreja, outros).</b>	<b>De que forma a escola pode ser um dos espaços em que sejam trabalhadas questões relacionadas a sexualidade?</b>	<b>Você acredita que exista um profissional adequado para tratar de questões relacionadas a sexualidade na escola?</b>	<b>Quais os temas relativos à sexualidade que devem ser abordados na escola?</b>
<b>Lúcia</b>	No período que se inicia as dúvidas, não tem idade certa.	Deveria ser os pais, porém acaba sendo os amigos	Abrindo um espaço para que seja falado sobre o assunto	Sim, pois tem que ser uma pessoa preparada	-----
<b>Rita</b>	Desde que a criança já entenda podemos explicar algumas coisas sobre menino e menina.	Para mim tinha que ser os pais, mas na escola percebemos que chegam com muitas dúvidas, e essas assustadoras, sobrando para a escola mais uma função que seria dos pais.	Pra mim deve iniciar desde o maternal, já mostrando diferenças entre menino e menina e assim avançando para outra série, sempre falando sobre o assunto dentro da necessidade, da idade e curiosidade.	Eu acho que tem que ser o próprio professor da sala, e ele estar preparado para isso, pois os alunos confiam nele.	Lá pelo 5º ano, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, prevenção.
<b>Francisco</b>	Quinto ano, aproximadamente 10 anos.	Amigos	Abordando o tema em todas as disciplinas	Sim	Orientação, maturação e desenvolvimento, riscos
<b>Bruna</b>	Depende muito da curiosidade e maturidade de cada um.	Acho que primeiro os professores, depois os	Dando abertura para se criar discussões	Apenas um não, mas acredito que todas as	Acredito que todos os temas sobre sexualidade

	Acredito que as meninas mais cedo que os meninos, mais ou menos 9 e 10 anos já surgem as curiosidades.	pais e penso que na igreja não há abertura para esse tipo de diálogo	com esclarecimentos a respeito da educação sexual.	peças podem se adequar para falar e explicar corretamente sobre o assunto	podem ser abordados, claro que de uma forma que leve conhecimento, prevenção e sane as curiosidades
<b>Marta</b>	Aos 10 anos	Outros	Contratando profissionais especializados nessa área.	Não	Gravidez e doenças contagiosas
<b>Carlos</b>	Fundamental I.	Novamente um pouco de cada um, mas com quem o aluno tiver maior afinidade	Disciplinas pertinentes as questões de comportamento e vida em sociedade	Não	Relativo aos órgãos sexuais e suas funções, relativos à procriação
<b>Úrsula</b>	Na adolescência	Os pais, quando os pais são abertos e preparados para esse tipo de educação.	Espaço trabalhando sempre com profissionais da área	Sim, claro que sim	DST entre outros
<b>Mercedes</b>	De acordo com a curiosidade da criança	Deveria ser os pais	Através de palestras ou reuniões	Sim, qualquer um, desde que bem preparados	Vídeos, imagens
<b>Elvira</b>	Na adolescência	Acredito que sejam os pais	Através de vídeos e atividades em grupo	Sim, alguém especializado nesse assunto	Conhecimento do corpo
<b>Fabíola</b>	Quando começam a surgir perguntas, aos 10 anos	Não sei dizer. Trabalho com o infantil	Através de dinâmicas, atividades em grupo, vídeos.	Sim, um professor especializado nesse tema	Respeito ao corpo e proteção
<b>Rosa</b>	A medida que as dúvidas surgem, no caso do 5º ano iniciamos no segundo bimestre, pois após conhecê-los melhor iniciamos o	Creio que sejam os meios de comunicação e depois os professores	Com a abertura dos professores para discutir o assunto	Creio que a equipe escolar toda tem que estar preparada ou se preparando para tal	Todos os que forem do interesse da clientela

	assunto.				
<b>Renilde</b>	Quando a criança desperta a curiosidade sobre o assunto	Os pais	Através de profissionais da área, dando palestras e orientações	Não, ainda não.	Iniciação sexual, aborto, abuso sexual, etc.
<b>João</b>	Desde pequeno	Amigos, TV, Internet.	Como conteúdo normal	M: Sim	Relações, conceitos, doenças
<b>Regina</b>	Na adolescência	Professores	Em aulas específicas sobre orientação sexual	Acho que quanto maior o conhecimento, maior o aproveitamento dos alunos	Os mais necessários
<b>Juliana</b>	Não há um período certo e sim quando surge a curiosidade	Pais e professores	De acordo com as necessidades e quando as curiosidades vão surgindo	Acredito que sim	Prefiro não opinar
<b>Amanda</b>	4º e 5º ano	Pais	Os professores explicando o assunto em sala de aula	Sim	Todos
<b>Elsa</b>	Não há período certo, depende de cada criança. Quando começar haver especulações sobre o assunto. Devemos abordar o tema de acordo com a idade, mas sempre falando a verdade.	Depende de cada família, há famílias que esclarecem em casa e há famílias que deixam à carga dos professores.	A escola é muito importante nesse caso específico, há muitos materiais com livros educativos.	Acredito que os professores devem por si só se capacitar no assunto	Os temas principais deveria ser a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e como no caso gravidez e o uso de camisinha.
<b>Régia</b>	Aos 10 anos	Deveria ser os pais, mas nem sempre é assim	Através de palestras e reuniões com os pais	Sim	Doenças transmissíveis e gravidez
<b>Helena</b>	Com 10 anos	Pais	A escola fazer reuniões com os pais	Sim	Uso de camisinha e outros
<b>Gisele</b>	Com 12 anos	No meu caso foram	Reunião com os pais, pois	Não sei	Doenças transmissíveis

		os professores	na época não tinha palestras		
<b>Rafaela</b>	Com 11 a 12 anos	Com os pais	Em palestras educativas	Sim	Uso de camisinha, DST, etc.
<b>Lurdes</b>	A partir do momento em que as crianças frequentam os primeiros períodos na escola e também principalmente pela educação sexual ensinado pelos pais e ou responsável. A educação vem de casa. Ensiná-las de uma forma educativa e explicativa.	Todos tem muita influência. A maior parte tem que vir dos pais, professores.	Mostrando em objetos concretos e fazer sempre uma leitura de uma forma que seja educativa e divertida.	Sim, nós adultos somos responsáveis e de uma maneira educativa	Menstruação, gravidez precoce, relacionamento, pedofilia, psicologicamente, pedagogicamente e em um casamento frustrado.

No que diz respeito ao melhor momento de começar a tratar sobre sexualidade com as crianças verifica-se que há um pensamento engessado por parte de alguns participantes, pois entendem que esses assuntos devem ser abordados dentro de uma faixa etária e uma disciplina específica.

Um dos entrevistados entende que deve sanar as dúvidas da criança, mas logo determina que essas dúvidas só apareçam em uma idade específica, nesse sentido, pode-se compreender que falta entendimento sobre o início dos diálogos em educação para sexualidade, a ideia de que a criança até determinado período são assexuadas ou simplesmente não percebem a sua sexualidade e nem o comportamento sexuado do adulto, ou ainda, colocam toda a extensão de ideias e temas relacionados à educação sexual em um pequeno compartimento que se resume ao ato sexual em si, talvez devido ao próprio entrevistado não compreender a abrangência que existe em torno da

sexualidade, que há muito mais assuntos que envolvem a educação sexual do que o sexo propriamente dito.

Nessa perspectiva retoma-se o que Figueiró (2009) salienta sobre a importância de esclarecer o significado de sexo e sexualidade, deixando claro que se trata de conceitos diferentes, em que o sexo está ligado ao ato sexual e que a sexualidade envolve não apenas o sexo, mas também a afetividade, o carinho, o prazer, o sentimento, os gestos, o toque, a comunicação, a intimidade.

Sayão (1997) propõe uma reflexão dizendo que as primeiras orientações e valores sobre a sexualidade já começam a ser emitidas desde a infância sejam de forma implícita ou explícitas, através do comportamento dos pais, nas relações, nas recomendações, nos gestos, nas proibições, enfim, desde a infância estamos expostos à sexualidade, já que é inerente ao ser humano.

No entanto poucos declararam a importância de iniciar o trabalho desde a primeira infância, nota-se que poucos dos que foram entrevistados compreendem a real necessidade do trabalho de educação sexual desde a infância. Complementando o raciocínio, entende-se que dentro dessa instituição o trabalho emocional, o toque, a sensibilidade, o respeito ao próximo, o conhecimento do corpo, o movimento, enfim, conceitos que são trabalhados pedagogicamente na educação infantil não são aproveitados na educação para a sexualidade dessas crianças ou a instituição não compreende que esses conceitos estão diretamente ligados à educação sexual e que poderiam ser melhores explorados para que a criança fosse de fato educada de uma forma assertiva no que se refere à sexualidade.

Nesse momento vamos refletir também como a escola está recebendo essa responsabilidade, melhor, esse papel social de corresponsabilidade na formação sexual dos seus alunos. Notamos que a ideia da família ser a única ou pelo menos a principal

responsável em educar seus filhos sexualmente não é um fato que ficou no passado quando profissionais, médicos juristas e educadores defendiam que os pais deveriam assumir essa responsabilidade (Bordini, 2009).

Nas entrevistas verifica-se que grandes partes dos entrevistados se dizem a favor da educação para a sexualidade dos alunos, comentam que a família tem um papel central e que esse papel não é exclusividade da escola.

É importante salientar que assim como os educadores ainda encontram dificuldades para manejar o assunto, muitas famílias encontram-se na mesma situação, os pais acabam evitando conversas relacionadas à sexualidade reproduzindo a forma com que foram educados. Nessa perspectiva, consideramos que a família também deve participar do trabalho de reeducação sexual proposto por Braga (2009) para que de fato ambas a instituição escolar e a família se tornem corresponsáveis pela educação sexual dessas crianças.

Nesse sentido, percebe-se que a proposta de Melo (2004), Ribeiro (2005), Seffner (2009), Figueiró (2009), dentre outros de abrir verdadeiro espaço para o diálogo e discussão sobre a sexualidade ainda não é uma realidade dessa instituição. Diante das respostas coletadas torna-se evidente que somente são comentadas ou discutidas situações isoladas que por ventura venham ocorrer no cotidiano escolar.

Em contrapartida, a maioria dos entrevistados consideram relevante orientar, conversar, e explicar para os alunos a diversidade que encontramos hoje e a importância do respeito à individualidade do sujeito. Nesse momento faremos uma reflexão diante do exposto acima, nota-se que pode existir o desejo nesses educadores em contribuir de forma mais efetiva na educação sexual dos alunos, porém a ideia repressora esta ainda bastante presente no imaginário desses indivíduos.

As sugestões para abordar o assunto foram bastante variadas, desde as mais tradicionais como palestras e reuniões até a participação de todos os professores que dentro de suas disciplinas poderiam discutir diferentes temáticas sobre a educação sexual, outros ainda, sugerem que exista uma disciplina específica para se discutir a sexualidade e ressaltam a colaboração de um especialista na discussão da temática, observa-se mais uma vez o despreparo por parte de alguns entrevistados, pois deixam claro que o melhor é a contratação de um profissional específico para mediar o trabalho com os alunos.

Observou-se ainda, que a compreensão e o olhar dos entrevistados no que diz respeito à educação sexual é bastante limitada e reducionista diante da gama de assuntos que envolvem essa temática, considerando as respostas obtidas em relação ao que seria relevante para ser abordado e discutido com os alunos, pois a grande maioria citou como tema “doenças sexualmente transmissíveis”, “gravidez na adolescência”, temas esses, que normalmente a escola está habituada a desenvolver palestras ou semanas educativa. Por outro lado, os participantes podem ter utilizado essas respostas para se manterem confortáveis diante de um assunto que muitas vezes é causador de certo estranhamento.

Verifica-se o quanto o trabalho do educador sexual deve ser valorizado e reconhecido em nossa sociedade, pois nota-se que em muitos casos o profissional em educação sexual será o principal responsável por desconstruir todo o imaginário repressivo e preconceituoso existente na equipe escolar e também familiar, para que de fato os alunos sejam acolhidos não apenas por esse profissional específico, mas por todos que de alguma forma participam e colaboram no seu desenvolvimento e na sua formação.



Figueiró (2009) defende ainda que para um educador ter êxito nas aplicações das estratégias de ensino, necessita passar por reflexão pessoal sobre o tema e também por revisão dos próprios valores, dos próprios sentimentos, possíveis tabus e preconceitos existentes a esse respeito. Pois não basta ensinar, é preciso viver e reaprender, constantemente, o respeito à diversidade e para dar conta disto faz-se necessário acompanhar a dinâmica que vem se processando no campo da diversidade sexual.

Acredita-se que ao realizar um trabalho voltado para a Educação Sexual, existe a possibilidade de romper com ideias cristalizadas pela sociedade, é dada a oportunidade de formar seres humanos mais conscientes das relações sociais ao qual estão submetidos. Nesse sentido uma educação sexual ética e comprometida deve questionar e debater os padrões de normalidade transmitidos de geração em geração (Maia; Eidt; Terra & Maia, 2012).

No entanto, a sua atuação, continua atrelada as questões biológicas do corpo e pouco se trabalha questões importantes como o prazer, o desejo e a diversidade sexual (UNESCO, 2013). A sexualidade não segue as regras fixas, ela está sempre em movimento. E quando inserida no contexto didático, isto é, na educação, torna-se dessexualizada, uma linguagem explicativa. Mas quando colocada no currículo, seja ele escolar ou universitário, não sabemos separar seus objetivos e suas fantasias das considerações históricas de ansiedades, isto é, do medo em não saber o que os estudantes podem perguntar, e que pode se desenvolver em uma luta de poder entre conhecimento dos estudantes e o conhecimento do professor.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivos pesquisar junto a professores e funcionários de uma escola de educação básica o que pensam, entendem sobre, e de que forma agem frente a manifestação da sexualidade de seus alunos e, como esses planejam e trabalham a educação sexual no cotidiano com os seus alunos.

Como já apresentado essa pesquisa, a sua compreensão foi dividida por temáticas para facilitar e enriquecer a discussão dos dados levantados, nesse sentido, cada uma dessas análises trouxeram indagações e reflexões que pretendemos concluir nesse momento. Salientando que é apenas uma conclusão acerca dessa pesquisa, pois sabemos o quão amplo é o assunto e quão infindáveis são as possibilidades de estudos que podem ser realizados no que se refere à Educação Sexual.

Nessa pesquisa considerou-se um ponto importante a ser investigado, pois como já explanado em vários momentos, a forma com que fomos educados sexualmente possivelmente será reflexo do educador que nos tornamos.

Nesse ponto considera-se que a maioria dos pesquisados são advindos de famílias que receberam uma educação tradicional e conseqüentemente passaram essa educação. Portanto, verificou-se nesse grupo que a maior parte da educação sexual foi de base informal, em que os constructos referentes à sexualidade foram sustentados pelas impressões, observações e escutas que os mesmos faziam em relação ao comportamento adulto.

Pode-se entender que embora tenhamos alguns avanços no tratamento do assunto, verifica-se que ainda é bastante deficiente o trabalho de educação sexual na instituição pesquisada, pois é perceptível que a maioria das pessoas pesquisadas ainda

tem uma visão limitada do arsenal de temas e trabalhos que podem ser desenvolvido com os alunos desde a educação infantil.

Grande parte da instituição carrega a ideia que as crianças na primeira infância não precisam ser educadas para sexualidade, portanto, não consideram que existe um trabalho de educação sexual que pode ser inserido com crianças nessa faixa-etária. Compreende-se ainda, que talvez, nem mesmo os participantes tenham o verdadeiro conhecimento do que seja o trabalho com educação sexual, pois suas respostas estavam sempre muito ligadas ao sexo propriamente dito, exemplificando a afirmação acima, os temas que sugeriram para trabalhar com os alunos estavam sempre mantendo essa ligação com o sexo, temas como doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência.

Sendo assim fica evidente que não há um trabalho específico e rotineiro que envolva a educação sexual nessa instituição, o que ocorre são apenas intervenções pontuais caso a instituição tenha alguma ocorrência fora do habitual.

Verificou-se uma lacuna no que se refere à educação sexual na formação desses profissionais, pois nenhuma grade curricular contemplou esse tipo de abordagem visando um trabalho futuro com alunos no que se refere à sexualidade e quando existia era apenas uma abordagem biológica.

Diante de todos os dados analisados entende-se que muito ainda precisa ser feito para que de fato a educação sexual seja implantada nessa instituição. É preciso um trabalho a priori com a equipe escolar para que haja a verdadeira compreensão sobre o que trata a educação sexual e, que os resultados podem ir muito além de diminuição do índice de doenças e gravidez precoce.

É um trabalho que pode ter início desde a educação infantil e ampliado nos anos posteriores, os temas podem ser variados, como conhecimento do próprio corpo, semelhanças e diferenças físicas e emocionais, respeito mútuo, enfim existe uma diversidade de temas que podem ter uma abordagem simples com crianças da educação infantil, até abordagens mais complexas para trabalhar com adolescentes e jovens e até mesmo adultos e idosos.

Nesse sentido, para que exista um trabalho relevante de educação sexual nessa instituição é importante que ocorra um processo de intervenção sistematizada, ampliando também para as famílias dos alunos atendidos e só depois o trabalho de fato com os estudantes da instituição.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Altmann, H. (2001). **Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais**. *Revista Estudos Feministas*, 9(2).
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BÉJIN, André. **Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos**. In: ÁRIES, Phillipe, BÉJIN, André. (Orgs.). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 211–235.
- BERTOLDI, M. E., KOEHLER, J., SILVA, S. S., da SILVA, J. B., SARTORELI, J., PANATTA, C., & LUCIANO, E. R. (2015). **A EVOLUÇÃO DO CASAMENTO NO ÂMBITO JURÍDICO**. *JICEX*, 3(3).
- Bognan, R., Biklen, S. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. *Em Tese*, 2(1), 68-80.
- Bordini, S. C. (2010). **Discursos sobre sexualidade nas escolas municipais de Curitiba**.
- Bourdieu, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- Braga, E. R. M. **Educação sexual na infância**. In: : FIGUEIRÓ, M. N. D.; RIBEIRO, P. R. M.; MELO, S. M. M. (Org.). *Educação sexual no Brasil: panorama de pesquisa do sul e do sudeste*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, v. 11, p. 179-183.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Orientação Sexual. In: \_\_\_\_\_.  
**Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília, 1998. p. 285-386.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO. Lei nº 9394 de 20 de novembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.  
**Parâmetros Curriculares Nacionais:** pluralidade cultural: orientação sexual.  
2.ed. Brasília, 2000. v. 10, p. 112-128.

BRITZMN, D. P. **Sexualidade e cidadania democrática.** In: SILVA, L. H. da (Org.).  
A escola cidadã no contexto da globalização. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.  
P.154-177.

Chauí, M. D. S. (1985). **Repressão sexual:** essa nossa (des) conhecida. In *Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida.* Brasiliense.

Colling, A. M. (2009). **Relações de poder e gênero no currículo escolar.** In:  
RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, M. R. S (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade:  
composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: FURG, p. 77-82.

Costa, M. **Sexualidade na adolescência:** dilemas e crescimento. 8. ed. São Paulo: L &  
PM Editores, 1996.

Cruz, M. A. S. (2016). **Sexualidade e educação sexual.**

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.**

Trad. Leandro Konder. 17.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1982.

Ferreira, M. L. **Sexualidade e desenvolvimento humano.** Lavras, MG. 2006.

Figueiró, M. N. D. (2006). Educação sexual: como ensinar no espaço da escola.

Figueiró, M. N. D (Org.). **Educação Sexual:** em busca de mudanças. Londrina, UEL,  
2009.

FIGUEIRÓ, M. N. D. (2013). **Educação Sexual no dia a dia.** Londrina: Eduel.

- FISCHER, R. **Identidade, cultura e mídia**: a complexidade de novas questões educacionais na contemporaneidade. In: SILVA, Luiz Heron (Org.). Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo? Petrópolis: Vozes, 1999.
- Foucault, M. (1988). **História da sexualidade I**: a vontade de saber; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e JA Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (2004). **Ética, sexualidade, política**. Forense Universitária.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, v. 1, 2009.
- Gagliotto, G. M. (2009). **A educação sexual na escola e a pedagogia da infância**: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias.
- HERITIER, F. (1996). **De Aristóteles aos Inuit—A construção provada do gênero; O sangue do guerreiro e o sangue das mulheres—controle e apropriação da fecundidade. Masculino Feminino: O pensamento da diferença**. Lisboa: Instituto Piaget, 181-222.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONII, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3a edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.
- Leão, A. M. D. C. (2009). **Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da UNESP-Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos**.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis Vozes, 1997.

- \_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LOURO, G. L. **Pedagogias da Sexualidade.** In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** 3 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010. p. 7-34
- Maia, A. C. B., Eidt, N. M., Terra, B. M., & Maia, G. L. (2012). **Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural.** *Psicologia em Estudo*, 151-156.
- MAIO, Eliane Rose. **Gênero, sexualidade e educação: questões pertinentes à Pedagogia.** In: CARVALHO, Elma Julia Gonçalves de; FAUSTINO, Rosângela Célia (Orgs.). **Educação e Diversidade Cultural.** 2 ed. Maringá: Eduem, 2012. p. 209-222.
- MELO, S. M. M. de. **Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras.** Campinas: Mercado Letras, 2004.
- Nogueira Matias, A. A., Terra, W. L., Silva, N. C., & Rocha, M. H. (2016). **A aphrodisia e o erótico na Grécia antiga.** *Revista de trabalhos acadêmicos—universo belo horizonte*, 1(1).
- Nunes, C. A. (1987). **Desenvolvendo a sexualidade.** Campinas, SP: Papyrus Editora.
- Nunes, C. A. (2003). **Desvendando a sexualidade.** Papyrus Editora.
- Oliveira, M. W. de., Sousa, F. R.de. **Processos educativos em práticas sociais: pesquisa em educação (Orgs.).** São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- Osório, L. C. (1996). **Família hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas
- PARKER, R.G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo.** São Paulo: Best Seller, 1991.



- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. D. (2007). **Família e adolescência:** a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em estudo*, 12(2), 247-256.
- Peters, E. T., & Cerqueira, F. V. (2013). **Mulheres em Atenas, no século IV:** o testemunho do contra Neera, de Demóstenes. *Revista Eletrônica de Antiguidade. UFRJ*, (12), 68-84.
- Ribeiro, M. (1990). **Educação sexual.** *Além da informação.* São Paulo: EPU, 62.
- Ribeiro, M. (2005). *Sexo: como orientar seu filho.* Planeta do Brasil.
- Ribeiro, M. (2009). **Conversando com seu filho sobre sexo.** São Paulo: Academia de Inteligência.
- RIZZA, J. L. RIBEIRO, P.R.C. **Formação inicial de professoras/es:** narrações sobre a educação para a sexualidade. In: *Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação.* UNESP/FCLAR- Laboratório Editorial. 2011, V.15, n.1, p.97-121
- Rosemberg, F. **Educação Sexual na escola,** 1985.
- Russo, J., Rohden, F., Torres, I., Faro, L. T., Nucci, M., & Giami, A. (2011). **Sexualidade, ciência e profissão no Brasil.** *Rio de Janeiro: CEPESC.*
- SALES, J.M. de. **Os pais dos adolescentes.** In: VITIELLO, N. et al. *Adolescência hoje.* São Paulo: Roca, 1988.
- Sayão, Y. (1997). **Orientação sexual na escola.** *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas.* São Paulo: Summus, 107-117.
- SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** *Educação & Realidade.* Porto Alegre, vol. 20, n.2, p.71-99, 1995.

Seffner. F. **Escola, sexualidade e aids:** construindo estratégias para lidar com os processos de estgmas e exclusão. In: FIGUEIRÓ, M. N. D.; RIBEIRO, P. R. M.; MELO, S. M. M. (Org.). Educação sexual no Brasil: panorama de pesquisa do sul e do sudeste. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, v. 11, p. 25-28.

Vilela. J. **Investigação:** o processo de construção do conhecimento. Edições Sílabo. Lisboa, 2009.

## APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO

Questionário para os professores (as) e funcionárias de uma escola de educação básica.

1. Em que período se inicia o diálogo sobre educação sexual?
2. Quem exerceu forte influência em sua educação para a sexualidade, seus pais, a escola, ou a igreja? Essa influência foi positiva ou negativa?
3. Em suas principais dúvidas com quem você teve mais segurança para conversar sobre questões relacionadas à sexualidade?
4. Como você se sente para tratar de assuntos sobre sexualidade com os alunos?
5. Como você lidaria com possíveis manifestações da sexualidade de uma criança na sala de aula ou no espaço escolar? Reprimindo? Ignorando?
6. Em relação à educação sexual dos alunos, quem tem maior influência? (pais, professores, igreja, outros)
7. De que forma a escola pode ser um dos espaços em que sejam trabalhadas questões relacionadas à sexualidade?
8. Você acredita que exista um profissional adequado para tratar de questões relacionadas à sexualidade na escola?
9. Quais os temas relativos à sexualidade que devem ser abordados na escola?
10. Em sua formação profissional houve alguma disciplina que abordou algum tema relacionado à sexualidade? Se sim o que você achou, tem ajudado em seu dia a dia na escola e fora dela?
11. Você gostaria de participar de uma capacitação sobre educação sexual?
12. Quais os temas mais pertinentes que poderiam compor essa capacitação?
13. Você conhece algum material sobre educação sexual? (distribuído pela secretaria da educação?).

## APÊNDICE B- CARTA DE ESCLARECIMENTO DA PESQUISA

Prezado(a) Participante,

É relevante considerar qual a opinião do professor e funcionário sobre as diferentes questões relacionadas à educação que me é muito caro.

Desta forma, solicitamos sua colaboração neste estudo respondendo ao questionário que se encontra Anexo. Destacamos que os dados deste questionário serão empregados na elaboração de uma dissertação de mestrado que tem por título:

\_\_\_\_\_ . Nosso objetivo é realizar um estudo nesta unidade educacional, quanto à inserção das temáticas da sexualidade e da orientação sexual, analisando as narrativas e percepções, assim como os saberes expressos por meio da aplicação deste questionário.

Observamos ainda, que os dados de identificação serão mantidos em sigilo, e que sua participação não envolverá qualquer custo ou compensação financeira, sendo garantida a liberdade de retirada de seu consentimento a qualquer momento, e também a de deixar de participar deste estudo, sem que haja prejuízo para você.

Na oportunidade, esperamos contar com sua valiosa colaboração, e antecipamos os nossos mais sinceros agradecimentos.

Atenciosamente,

Clesiomar Antônio dos Santos Inácio

**APÊNDICE C- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordo voluntariamente em participar do estudo realizado pelo pesquisador Clesiomar Antônio dos Santos Inácio, e de responder ao questionário que me foi enviado. Autorizo o pesquisador a utilizar os dados obtidos para a elaboração e divulgação da pesquisa. Recebi por escrito informações suficientes sobre o estudo. Estou ciente do objetivo do trabalho, de que os procedimentos realizados não causarão nenhum risco para mim, bem como sobre a retirada de meu consentimento de participação, caso o deseje.

Sei também que esta pesquisa não ocasionará nenhum custo ou compensação financeira para mim, sendo que meus dados serão mantidos em sigilo.

Assinatura do participante:

**Declaração**

Eu, Clesiomar Antônio dos Santos Inácio declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido desta pessoa para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pelo estudo: